

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

**O *PRÍNCIPE ELETRÔNICO*: A MÍDIA E OS
SEUS PROCESSOS, ESTRUTURAS
E INTERFACES NO RELACIONAMENTO
SOCIAL, ECONÔMICO, POLÍTICO E CULTURAL**

Dissertação de Mestrado

Everson Araujo Nauroski

Florianópolis

2002

Everson Araujo Nauroski

**O *PRÍNCIPE ELETRÔNICO*: A MÍDIA E OS
SEUS PROCESSOS, ESTRUTURAS
E INTERFACES NO RELACIONAMENTO
SOCIAL, ECONÔMICO, POLÍTICO E CULTURAL**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção da
Universidade Federal de Santa Catarina
como requisito parcial para a obtenção
do grau de Mestre em
Engenharia de Produção

Orientador: Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.

Florianópolis

2002

Everson Araujo Nauroski

**O PRÍNCIPE ELETRÔNICO: A MÍDIA E OS
SEUS PROCESSOS, ESTRUTURAS
E INTERFACES NO RELACIONAMENTO
SOCIAL, ECONÔMICO, POLÍTICO E CULTURAL**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção
Do grau de **Mestre em Engenharia de Produção**
No Programa de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção da
Universidade Federal de Santa Catarina

Curitiba, 19 de julho de 2002

Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr.
Coordenador do Programa

BANCA EXAMINADORA

Cristiane Coelho Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Francisco Antônio Fialho, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientador

Bruno Hartmut Kopittke, Dr.

Dedico este trabalho

para minha querida esposa, Simone,

uma pessoa muito especial com quem divido

minha vida em todas as suas dimensões.

Agradecimentos

Para minha mãe, grande incentivadora e mestra na esperança;

Para a Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus pelo apoio e oportunidade;

Para o Programa de Engenharia da Produção UFSC pelo acompanhamento que oferece
aos seus alunos;

Para Profa. Maria Inês, pelo apoio e amizade que me abriram as portas;

Para o Prof. Francisco Antônio Fialho grande mestre e companheiro pela confiança e
orientação desta dissertação;

Para todos os colegas de turma e da Unidade Água Verde e Centro, sempre presentes;

Para aqueles que acreditam na democracia e na liberdade e lutam para tornar a as novas
tecnologias de mídia e informação, mais humanas e verdadeiras.

“ Não faz sentido continuar tentando”, disse Alice.
“ Não se pode acreditar em coisas impossíveis”.
“ Eu ousaria dizer que você não tem muita prática”.
Disse a Rainha. “ Quando eu tinha a sua idade, treinava
Meia hora por dia. Às vezes eu conseguia acreditar em
Até seis coisas impossíveis antes do café da manhã”.

Lewis Carrol

Alice no País das Maravilhas

RESUMO

NAUROSKI, Everson Araújo. **O príncipe eletrônico : a mídia e os seus processos e interfaces no relacionamento, econômico, político e cultural.** Florianópolis, 2002. 96f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção – área de concentração : Mídia e Conhecimento) – Programa de Pós-graduação, UFSC, 2002.

A sociedade contemporânea é marcada por estruturas de comunicação e informação profundamente influenciada pelos novos sistemas tecnológicos e estes permeiam o fazer e o agir social das pessoas cria novos consensos e estabelecer novas verdades e novas formas de sociabilidade, por isso acaba exercendo um crescente controle das formas de agir e de pensar das pessoas e das organizações e provoca uma nova formatação do poder tanto em escala local, regional e global. Esta nova formatação se dá principalmente pela grande interatividade entre redes de informação, comunicação via satélite, internet e tv, tornando a *aldeia global* totalmente interconectada. Além do aspecto comercial a ser considerado, esta nova conjuntura evidencia a existência de uma parceria entre a indústria das novas tecnologias, estados e grandes grupos de poder econômico que tem grande interesse em unificar mensagens que são veiculadas pelas diferentes formas de mídia. Buscando com isso, modelar as consciências e exercer um controle social sobre os indivíduos. Trata-se de uma articulação ideológica em escala global com o objetivo de promover os valores e o modo de vida capitalista. Esta nova configuração de tecnologias de mídia, informação e conhecimento, pode ser chamado de *príncipe eletrônico*, pois se em Maquiavel o *príncipe* representa o grande líder político e militar e se em Gramsci o *príncipe moderno* é próprio partido político que funciona como grande articulador das massas em vista da construção de uma nova hegemonia, atualmente as novas tecnologias de mídia se apresentam como um *intelectual coletivo e orgânico* um *príncipe eletrônico*. Este estudo analisa a influencia desta nova configuração do príncipe sobre as esferas, políticas, social e econômica as consequências desta influencia na vida das pessoas e nas relações sociais. Os resultados alcançados neste estudo, mostram que o poder e a força das novas tecnologias de mídia condicionam mudanças, criam e destroem valores e atuam como um poderoso instrumento político e econômico e por isso faz-se necessário uma atitude crítica e mesmo uma mobilização da sociedade organizada no sentido de resgatar a função democrática da mídia de oferecer informação, reflexão e entretenimento com transparência e imparcialidade.

Palavras chaves: controle social; indústria cultural; manipulação; novas tecnologias de mídia e informação; poder.

ABSTRACT

NAUROSKI, Everson Araújo. **O príncipe eletrônico : a mídia e os seus processos e interfaces no relacionamento, econômico, político e cultural.** Florianópolis, 2002. 96f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção – área de concentração : Mídia e Conhecimento) – Programa de Pós-graduação, UFSC, 2002.

Contemporary society is dated by information and communication structures deeply influenced by new technological systems. These systems balance the social action from people, create new consensus and establish new truths and new sociability way, deliberating an increasing control on the thinking and acting manner people and organizations have, provoking a new formation of power on local, regional and global scale. This new formation is related, mainly, to the big interactivity among TV, Internet, satellite communication and information nets, putting the global village totally interconnected. Besides the commercial aspect to be considered, this new conjecture lights the existence of a partnership among this new technology industry, the State and the huge economic power groups that have great interest in unifying messages that are broadcasted by the different ways of media, searching, with it, building of the consciousness and social control over people. It is an ideological articulation in a global scale willing the promotion of the values and the capitalist way of life. This new media technological, information and knowledge configuration can be called *electronic prince*, because if in Maquiavel, *the prince* represents the great political and military leader and in Gramsci, *the modern prince* is the political part itself that works as a great mass articulator to build a new hegemony. Nowadays, the new media technology is presented as a *collective and organic intellectual* of the structures and power groups that act in society in different levels. This work analyses the influence of this *electronic prince* on political, social and economic fields, the consequences of this influences in people lives and social relationships. The achieved results on this work, show that the power and the strength of these new media technologies lead to changes, create and destroy values and act as a powerful political and economic instrument and because of this, it is necessary a critic attitude and also a break of the organized society in the sense of rescuing the media democratic function of offering information, reflection and entertainment with transparency and impartiality.

Key words: social control; cultural industry; manipulation; new media technologies; power

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 APRESENTAÇÃO.....	11
1.2 JUSTIFICATIVA	12
1.3 PROBLEMA DA PESQUISA	14
1.4 OBJETIVOS	15
1.4.1 Objetivo geral.....	15
1.4.2 Objetivo específico	16
1.5 HIPÓTESE GERAL.....	16
1.6 METODOLOGIA	16
 2. MAQUIAVEL E AS ORIGENS DO PRÍNCIPE	19
2.1 MAQUIAVELISMO.....	21
2.2 HISTÓRIA E PSICOLOGIA	23

2.3 O PRÍNCIPE: VIRTÚ E FORTUNA	23
3. O MODERNO PRÍNCIPE EM GRAMSCI.....	28
3.1 Educação e construção hegemônica.....	29
3.2 A Sociedade Civil	32
3.3 A Sociedade Política	35
3.4 A educação na escola	37
3.5 Os intelectuais	41
3.6 O moderno príncipe	44
4. O PRÍNCIPE ELETRÔNICO : AS NOVAS TECNOLOGIAS DE MÍDIA, INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	49
4.1 Mídia e globalização	51
4.2 Mídia e controle social	54
4.3 O príncipe eletrônico	58
4.3.1 Controle e manipulação.....	63
4.3.2 Democracia eletrônica	65
4.4 A Indústria cultural e as novas configurações do príncipe como agente ideológico.....	68
5. CONCLUSÃO.....	77
BIBLIOGRAFIA	79
ANEXOS	86
ANEXO A -	86
ANEXO B -	87
ANEXO C -	89

INTRODUÇÃO

1. APRESENTAÇÃO

Acreditar que as redes de comunicação conduzem à paz e à compreensão é entregar-se à ideologia técnica que hoje domina os discursos sobre o progresso. É que, se algumas das facetas são altamente desejáveis, a sociedade das hiperligações também se arrisca a fazer explodir a sociedade real

(Wolton)

No limiar do século XXI, as novas tecnologias de mídia e informação promovem a intercomunicação dos indivíduos de maneira global e abrangente e abrem novas possibilidades de conhecimento e criatividade. No campo econômico os mercados penetram todos os espaços sociais e vão condicionando progressivamente os valores e costumes sociais em escala local, regional, nacional e mundial. A consolidação da globalização, tem provocado um processo de semelhante a uma relativa homogeneização das diferentes culturas, influenciando drasticamente os valores e os comportamentos humanos em todo o globo. De acordo com Adorno e Horkheimer, no final do século XX se consolida a chamada *Indústria Cultural* que imprimindo a lógica do capital sobre todas as manifestações artísticas, transforma-as em mercadorias e estas são padronizadas e produzidas em escala mundial com objetivo de atender às massas e suas necessidades, necessidades estas, fabricadas pela própria *indústria cultural* objetivando o entorpecimento das consciências e a passividades social diante das gritantes contradições, (ADORNO e HORKHEIMER, 1987)

As novas tecnologias de mídia, informação e comunicação, além de influenciar, provocam a inserção das pessoas nos jogos de poder, perpassando as

relações sociais culturais, criando novos valores e influenciando os comportamentos.

Contemporaneamente, pode-se considerar que as novas configurações da mídia constituem numa instância, um organismo pluriforme que desenvolve articulações com os centros de poder, atuam como elementos estratégicos nas relações sociais, econômicas e culturais e representa hoje, como um poderoso instrumento de comunicação, informação e propagação de idéias e valores. Este complexo e intrincado universo midiático com seus processos, estruturas e suas interfaces com o universo social, político e econômico é o tema sobre o qual este trabalho procurará refletir.

A proposta do presente trabalho fundamenta-se:

- Na concepção de que a mídia, seja ela regional, nacional ou mundial atua como um elemento mediador, propagador e organizador de idéias, valores e comportamentos, atuando como intelectual orgânico com grande capacidade de articulação política;
- No princípio de que a mídia assim como todos os meios de comunicação social, possuem uma função pública e como tal deveriam ter uma gestão democrática, aberta e serem submetidos a uma constante fiscalização social, exercida pela sociedade organizada .
- Na convicção que a vida social e as relações que o ser humano estabelece com seus semelhantes e com seu meio, devem ser inspiradas em seus valores pessoais, de maneira livre e autônoma;
- No direito inalienável de cada ser humano de ter acesso a informações de maneira democráticas, com qualidade e absolutamente transparentes;

- Em concepções teóricas de inspiração humanistas, histórico-críticas e dialéticas, que tomam o homem como fim em si e jamais como meio, para qualquer que seja a finalidade.

2. – Justificativa

Esta reflexão justifica-se como dissertação de mestrado pelo caráter inovador da abordagem do assunto, bem como pela atualidade do enfoque que se dá ao tema, apresentando os desdobramentos sociais, culturais, políticos e econômicos na sociedade, advindo da atuação da mídia enquanto *príncipe eletrônico*.

Na últimas décadas do século XX temos assistido a um conjunto de enormes transformações sociais, culturais e econômicas sem precedentes na história humana. Acontecendo de maneira vertiginosa e complexa, tais mudanças causam uma enorme perplexidade na vida dos homens em sociedades.

Caem as barreiras e desaparecem as fronteiras entre as nações ao mesmo tempo em que se aprofunda a desigualdade no desenvolvimento dos seres humanos conforme o continente a que pertençam.

A globalização na sua vertente competitiva – hoje majoritária em todo o mundo-favorece o crescente processo de internacionalização do capital financeiro, Surgem novas relações de política internacional assim como novos processos de produção e distribuição, provocam uma mudança cartográfica no consumo de bens e serviços, impulsionando o desenvolvimento e o uso intensivo da tecnologia, (IANNI, 1999).

Presente, mas de maneira coadjuvante, no seio desta nova e contraditória conjuntura mundial, o elemento mais ameaçado é o ser humano comum, o cidadão simples e sua família que constituem a célula básica das sociedades. De

pessoa humana rica e complexa cheia de potencialidades, agora é reduzido a mero indivíduo, circunscrito solitariamente na multidão de anônimos. De cidadão, possuidor de direitos e deveres nobres e elevados, responsável direto pelo aprimoramento moral da sociedade, torna-se então um ser retificado, denominado agora, consumidor. Esta nova identidade só é aceita e valorizada na exata medida em que este, tem condições financeiras para retroalimentar o sistema que o mantém.

O controle social exercido pela mídia tem a clara função de atingir as pessoas isoladamente ou em grupos e desta maneira, manter a reprodução da ordem social, garantindo a manutenção do poder das classes dominantes. Para tanto os centros de poder usam a mídia – seu braço técnico-ideológico - para de maneira clara e implícita operar através de seus meios e recursos a seleção e aceitação do papel social que deverá desempenhar em sociedade, criando assim uma consciência coletiva, um imaginário social passivo e complacente com a realidade social em que vive.

Assim, no terceiro milênio pode-se questionar se os princípios de Maquiavel e Gramsci realmente não são concepções ultrapassadas, desgastadas pela ação do tempo e pelas mudanças sociais e políticas da nova era, agora globalizada e mundializada.

Porém, cabe observar que a nova conjuntura mundial, plasmada principalmente pela ideologia neoliberal, subverte a lógica do estado de bem estar social, - que tem como premissa básica atender a totalidade dos indivíduos em sociedade - e coloca a dimensão do social e do político em função do econômico; as novas tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas e telemáticas, permeiam as diferentes dimensões da sociedade regional, nacional e mundial, muito particularmente presente nas estruturas de poder, ou tecnoestruturas, como: empresas nacionais e transnacionais e, é claro na própria mídia, que organiza as novas tecnologias com lógica e funcionalidade conforme seus

interesses. De acordo com IANNI, (2000, p. 143) é a partir deste contexto “*que se impõe e sobrepõe o príncipe eletrônico , sem o qual seria difícil compreender a as conjunções políticas mundiais num contexto globalizado*”.

Portanto, perceber as oportunidades de fazer uso destas mesmas tecnologias favorecendo o surgimento de novos espaços democráticos, de promoção do homem, oferecendo instrumentos de crítica e percepção que possibilitem uma maior autonomia frente aos processos de manipulação e controle social são questões que estarão presentes neste trabalho.

3. – Problema da pesquisa

Compreender o relacionamento entre tecnologia e sociedade é fundamental para situar como as novas tecnologias de mídia e informação contribuíram para a expansão mundial do capitalismo e catalisaram a formação o desenvolvimento dos mercados financeiros e do comercio internacional. Cabe pontuar que a tecnologia, pela sua própria força e dinamismo, condiciona e molda a sociedade na mesma proporção de que a sociedade dela faz uso. A questão central do processo social, coloca-se na interação entre o binômio humano e tecnologia, na medida em que neste processo está presente uma relação dialética deve-se considerar que o futuro será moldado pela afirmação de interesses conflitantes,de mobilização em torno de interesses comuns, de discussão coletiva, de confronto e consenso. Este processo faz-se através da participação de atores sociais com forças relativas distintas e com papéis sociais igualmente diferenciados, (MORAES,2001).

Quando se coloca a questão da democracia em relação a estes novos processos midiáticos, ouve-se que todos são livres para exprimirem com igualdade seus valores e defender seus interesses. No entanto sabe-se que o acesso às novas tecnologias é desigual, obviamente por estarem sendo geridos pó um número reduzido de empresas e grupos econômicos . Também em relação à internet, telecomunicações e áudio-visual isto se verifica. As fusões e aquisições

estratificam cada vez mais os interesses que administram os novos produtos tecnológicos.

(HALAMI, 1998)

Os grandes portais de acesso, nacionais e internacionais, assim como as grandes emissoras e canais de televisão atuam como difusores de informação na medida em que as informações são veiculadas com ou sem análises, fazendo ou não referências seus conteúdos, operam uma verdadeira descontextualização da informação, estando implícito também que os mesmos critérios que orientam esta atitude estão no processo de editoração. As notícias e informações apresentam de modo geral *o quando ? o que ? o onde ?* mas escondem ou simplesmente ignoram *o como ? e o porquê ?*

Em função da complexidade das novas transformações da realidade na qual estão inseridos os diversos atores sociais, interagem e criam novas relações de poder as inúmeras alterações nas formas de sociabilidade e socialização abrem uma vasta e contraditória sociedade civil que ainda passa por um processo de assimilação.

Portanto cabe a pergunta : como a mídia instrumentaliza as novas tecnologias, exercendo uma forte manipulação sobre a sociedade.

4. – Objetivos

4.1 – Objetivo geral

Afim de oferecer à sociedade instrumentos para uma reflexão acerca da atuação da mídia na sociedade e compreender melhor as conseqüências que decorrem desta atuação

4.2 – Objetivos específicos

Tendo por base a conjuntura retratada se constituem em objetivos específicos, relacionados às novas configurações do príncipe contemporâneo:

- Considerar as condições objetivas da instrumentalização das tecnologias operacionalizadas pela mídia;
- Estabelecer as relações entre os centros de poder do capital e o trabalho ideológico da mídia;
- Definir as estratégias de manipulação das massas que promovem o controle social;
- Favorecer a reflexão crítica sobre as relações sociais e o papel da mídia enquanto instrumento de propagação de idéias e valores;
- Sugerir ações que favoreçam o fortalecimento da democracia e contribuam na promoção da liberdade e autonomia dos indivíduos.

5. – Hipótese geral

A *indústria cultural* contemporânea se tornou elemento fundamental na articulação dos centros de poder atuando como verdadeiro intelectual orgânico, direcionando as tensões, acomodando os conflitos, amenizando e esvaziando os conteúdos dos discursos dissonantes da ordem vigente.

Assim, a *hipótese do trabalho* pressupõe que o *príncipe eletrônico* é a entidade representativa de uma cosmo-visão onde prevalecem os interesses e os valores dos centros de poder econômicos. Compreender estas relações é crucial para a tomada de consciência, e assim articular uma práxis que subverta esta lógica de manipulação e ideologização, adotando-se uma posição mais livre e autônoma.

6. – Metodologia

Este trabalho terá um cunho qualitativo, de caráter histórico-bibliográfico fundamentando-se em autores de comprovada autoridade e relevância, estabelecendo-se a relação entre conceitos como indústria cultural, intelectual orgânico, mundialização, globalização, novas tecnologias, ideologia e manipulação, entre outros. A reflexão analítica estabelecida com os autores foram baseadas numa perspectiva dialética.

Considerando a fecundidade do método dialético de pensar, interpretar, inter-relacionar e re-significar a realidade objetiva principalmente a partir das contradições e das representações simbólicas que norteiam os comportamentos em sociedade, concebe-se a realidade como uma totalidade em que o todo está relacionado com as partes, que se analisadas em profundidade oferecem uma compreensão profunda e abrangente da realidade.

De acordo com CONDER, citando Sartre:

A dialética, como lógica viva da ação, não pode aparecer a uma razão contemplativa.(...) No curso da ação, o indivíduo descobre a dialética como transparência racional enquanto ele a faz, e como necessidade absoluta enquanto ela lhe escapa, quer dizer, simplesmente, enquanto os outros fazem. (1993, p1, 25ª ed)

Entendido desta forma, o método dialético representa um caminho desafiador, um modo de pensar a realidade que instiga e provoca e traz consigo uma promessa de penetrar fundo nos significados.

A função do método dialético é desestabilizar verdades cristalizadas, conceitos já absolutizados, é buscar compreender o passado e as origens das coisas e das idéias, tendo como referencia os acontecimentos presentes “ *ele questiona o presente em nome do futuro, e o que está sendo em nome do que ainda não é (...) onde o que é, exatamente por ser tal como é, não vai ficar tal como está*” (op.cit. p. 86)

O método dialético demonstra que é preciso ter consciência de que as mudanças são inevitáveis e que não é possível ocultar as contradições que causam incomodo àqueles que se beneficiam de privilégios e valores que afirmam a ordem estabelecida.

De acordo com Conder (op.cit. p. 86):

A dialética intranqüiliza os comodistas, assusta os preconceituosos , perturba desagradavelmente os pragmáticos ou utilitários. Para os que assumem, consciente ou inconscientemente, uma posição de compromisso com o modo de produção capitalista, a dialética é subversiva, porque demonstra que o capitalismo está sendo superado e incita a supera-lo. Para os revolucionários românticos de ultra-esquerda, a dialética é um elemento complicador utilizado por intelectuais pedantes, um método que desmoraliza as fantasias irracionalistas, desmascara o voluntarismo e exige que as mediações do real sejam respeitadas pela ação revolucionária. Para os tecnocratas, que manipulam o comportamento humano (...), a dialética é a teimosa rebelião daquilo que eles chamam de fatores imperdoáveis : o resultado da insistência do ser humano em não ser tratado como uma máquina

Analisando as relações de poder, Foucault pontua que estas só podem ser exercidas a partir de situações e estruturas, atingindo os indivíduos e os grupos, promovendo a introjeção e assimilação das normas e valores das classes que detêm o poder econômico. (FOUCAULT;1979). Assim, o primeiro capítulo, é introduzido o assunto objeto desta dissertação, onde faz-se a explicação da justificativa, a caracterização do problema, a importância e relevância da pesquisa, a definição dos objetivos (geral e específicos) e a estipulação da metodologia que será usada.

Denominado *Maquiavel e as origens do príncipe*, o segundo capítulo apresenta um resgate histórico do conceito de príncipe, representado pela figura do *condottieri* isso é, uma síntese do grande líder com poder e capacidade de persuasão, além de notáveis habilidades políticas e militares. As noções de *virtú* e *fortuna*, como de campos e modos de atuação do príncipe. Pontua as semelhanças entre as relações de poder de sua época e o momento atual, e caracterizando a política como ciência da práxis.

O terceiro capítulo, intitulado *O moderno príncipe em Gramsci*, define e caracteriza o *príncipe* não mais como um indivíduo, um líder personalista mas sim uma organização, o partido político de agora, uma nova configuração do *príncipe*. Para entender melhor esta nova realidade é primordial pontuar conceitos chave na filosofia política de Gramsci, tais como: a formação do bloco histórico enquanto instancia superestrutural onde a sociedade civil e política se tornam campos de atuação do *príncipe*. Desta maneira, para compreender esta atuação, é fundamental alcançar os significados e desdobramentos de conceitos como vontade coletiva, ideologia hegemônica, revolução moral e educação e também o papel dos intelectuais na transformação da sociedade.

O quarto capítulo, *O príncipe eletrônico e as novas tecnologias de mídia, informação e comunicação* apresenta as mais recentes configurações do príncipe no contexto da globalização e mundialização em cursos e suas interfaces com o binômio tecnologia e capital, pontuando os momentos de interseção entre mercado e democracia, onde a atuação do príncipe se caracteriza com um novo e poderoso intelectual orgânico. Descreve a relação entre consumo e cidadania a partir das redes de conhecimento e informações. Pontua as relações entre mídia e globalização e os processos pelos quais se estrutura um sistema de controle social.

O conceito de *indústria cultural* e destaca os processos de ideologização e a produção de subjetividades alienadas, fazendo com que as pessoas atuem como agentes reforçadores da ideologia dominante. Propõe uma análise dos processos midiáticos, desvelando uma ditadura virtual existente que suprime o exercício da democracia, enquanto participação crítica e consciente das relações sociais.

2. MAQUIAVEL E AS ORIGENS DO PRÍNCIPE

A figura emblemática do príncipe tem sido muito significativa na história do pensamento político. Em diferentes épocas e contextos históricos ele aparece sob formas e denominações diferentes, desde a antiguidade à contemporaneidade.

Segundo Ianni (2000, p. 141) “*o príncipe de Maquiavel, com o qual se inaugura no século XVI o pensamento político moderno, é a sua expressão mais conhecida, notável, influente e controvertida.*”

Em sua obra *O Príncipe*, Nicolau Maquiavel exprime idéias que são a síntese da capacidade de diálogo com autores clássicos como Platão (428-348 a. C) Aristóteles (384-332 a.C.), Tomás de Aquino (1125-1274 d.C.) e sua experiência prática como homem de vida pública. Porém a grande inovação introduzida pelo pensador florentino é pensar a política não como especulação filosófica de caráter idealista, onde as questões de estado estão vinculadas à moral e a princípios religiosos, mas sim, analisar o fazer político como fenômeno empírico, como objeto de análise e investigação científica.

O estudo dos acontecimentos do passado e o comportamento dos líderes de sua época bem como a análise dos comportamentos dos homens em sociedade, chega-se à conclusão, que os homens são egoístas e ambiciosos e só não insistem nas práticas de maldades, quando são coagidos por força da lei. De forma que o comportamento humano é, em princípio, movido pelas mesmas paixões e sentimentos presentes em todos os povos e cidades. (MAQUIAVEL, 1978)

Para o pensador florentino, o conhecimento da história e da psicologia humana, são importantes como instrumentos teóricos, capazes de auxiliar na ação política e indispensáveis na elaboração de um plano de governo. Maquiavel compreende a história de maneira cíclica, onde os acontecimentos se repetem

seguindo uma certa ordem, desde seu surgimento, ápice e declínio, bem como as causas que acompanham estas etapas.

Assim, ele observa, que quem se detém na análise detalhada dos acontecimentos do passado pode até certo ponto prever o futuro em qualquer organização política, seja principado ou república e utilizar os recursos aplicados desde a Antiguidade, e que foram eficazes na época. Porém, na ausência de tais recursos, pode-se imaginar novos, conforme se apresente à nova conjuntura e suas semelhanças com situações ocorridas no passado.

Em seus escritos, Maquiavel, manifesta uma preocupação constante com o ideal de reconstruir a Itália, e superar as divisões internas e as constantes disputas pelo poder, que ocasionam enormes malefícios ao povo e toda a população em geral.

Maquiavel propõe estudar a sociedade pela análise da verdade efetiva dos fatos humanos, de forma clara e objetiva indo além da pura especulação. O objetivo de suas reflexões é a realidade política, concebida como campo das ações concretas, tendo como foco principal questão do poder na sua formalização através do Estado.

Trata-se então, da análise e da compreensão de como as organizações políticas nascem, se desenvolvem e entram em decadência e não de propor um modelo ideal de estado. Por isso, sua obra, contém ensinamentos de como conquistar, manter e perpetuar o poder. (HUISMAN ,2000)

O Príncipe, escrito, com uma lógica surpreendente e uma singeleza quase que infantil, reveste-se de um caráter de dubiedade principalmente quando o próprio Maquiavel (1978, p.9), afirma na dedicatória, o destino do seu livro: “*nem quero que se repute presunção o fato de um homem de baixo e ínfimo estado regular discorrer sobre o governo dos príncipes (...) assim é que para reconhecer*

bem a natureza dos povos, é necessário ser príncipe e para conhecer bem a natureza do príncipe, é necessário ser povo”

Na época próxima de seu surgimento, período dos grandes déspotas, *O Príncipe* era tido apenas como um manual de técnicas de dominação. Seu autor, abstraído do contexto histórico, era tido apenas como um talentoso oportunista político, o que ademais, sugerem as suas técnicas políticas.

No século XVIII, o autor e sua obra são defendidos por Diderot e outros republicanos, que afirmavam ser *O Príncipe* uma sátira tomada como elogio. O que a obra realmente continha eram lições para o povo, endereçado genialmente ao rei.

Comungavam da mesma opinião os democratas radicais como Rousseau do século XVIII para quem o maquiavelismo sempre existiu como prática comum dos governantes. Modernamente, procura-se romper a imagem do *Príncipe* do ponto de vista moral e ideológico: procura-se antes ver as contribuições de suas idéias para a ciência da política.

Mesmo nessa perspectiva, *O Príncipe* é profundamente ligado a um pragmatismo. Sem dúvida, seu autor tem em vista mais que uma simples especulação teórica. Nele fundamenta-se o surgimento de uma práxis política, da política pela política, a nada subordinada, soberana em seus motivos e único juiz de seus atos. (DOROZOI e ROUSSEL ,1999)

2.1 – Maquiavelismo

Para que melhor possamos compreender as proposições de Maquiavel – e posteriormente as afirmações de Gramsci -, cabe aqui vermos rapidamente a situação econômica, política e social na Itália da época, aliás, a causa do surgimento do *Príncipe*.

Depois de passar pela glória de ser o grande império com sede em Roma, a península itálica entrou em decadência, para ver muito mais tarde, lampejos daquela glória passada em suas repúblicas e principados autônomos, já no fim da Idade Média, quando Veneza, Gênova, Nápoles e outras cidades italianas, infestavam os mares com suas galeras, e as rotas comerciais eram trilhadas, senão exclusivamente, pelo menos com maior brilho, por seus cidadãos, o que eventualmente, tornavam-nas donas de um poderio econômico e políticos consideráveis.

Mas, fechados em sua grandeza, saudosos de sua antiga magnificência romana, os povos italianos não perceberam os tempos mudarem. O comércio com Oriente, sua principal fonte de renda, já decaíra com a queda de Constantinopla, e agora muito mais, com as novas descobertas no Ocidente. Viu-se repentinamente que a Itália já não mais existia. Apenas republiquetas orgulhosas, mas impotentes. Sem dúvida, a causa principal dessa decadência foi o tipo de sociedade econômica que a Itália possuía: infelizmente, a boa expansão do capital mercantil e financeiro conseguido antes, restringiu sua articulação ao mundo feudal circundante, o que veio a estreitar muito os laços de mútua dependência. Desse modo, quando faliu a economia, rompeu-se o único vínculo que as mantinha em conjunto.

Faltava um poder central forte, e o vazio deixado, seria facilmente ocupado por alguém um pouco mais forte e audacioso. A administração estatal segundo a filosofia de Maquiavel, fundamentava-se em atos de força, tais como o esmagamento de oposições internas, o amedrontamento dos súditos para se evitar subversões. Deve-se ter presente que este contexto se justifica pela noção de que a política é necessariamente conflito. (NAMER, 1979)

Ao analisar a proposta de Maquiavel, compreende-se que as metas e a ordem que se busca instaurar, normalmente estão contra uma certa desordem, ou um certo estado de coisas, que se queira superar e que por sua vez é

resultante do confronto de forças antagônicas existentes. Nesses conflitos, o governante deve dispor dos meios necessários para efetivar seu projeto e destruir todas as resistências. (HUISMAM, 2000)

O Estado e seus governantes dependem de dois fatores básicos: justiça, isto é, o conjunto de instituições mantenedoras e estabilidade social, e, armas, pois a soberania política depende de um exército próprio, com soldados leais e convictos, não mercenários. (MAQUIAVEL, 1978)

Como pensador, - e aqui se pode falar de uma contribuição real de Maquiavel, especialmente à ciência política -, Maquiavel fez do homem e sua história, o objeto de seu estudo. Note-se, porém, que homem e história, não são aqui encarados como coisas distintas, mas quase que idênticas: o homem é quem faz a sua história, isto é, ele é sujeito livre e consciente. Sua vontade interfere nos acontecimentos e produz conseqüências ; e mais, o homem não faz só a história de seu século. Dentro de sua história ele se projeta no futuro e busca um sentido amplo e abrangente. Desta forma seu projeto se constitui num estudo da sociedade através dos fatos humanos, uma vez que estes estão intrinsecamente ligados e são geradores dos fatos históricos.

Maquiavel pode ser condenado por lançar a semente da ideologia como única forma de verdade do poder, e violência, como critérios fundamentais para se chegar ao poder. Porém, não devemos esquecer que Maquiavel apenas teorizou uma prática comum, verificada por ele através da análise das disputas políticas e o enunciado brutal dos princípios do Maquiavelismo e sua chocante amoralidade, explicitaria a realidade interna do poder. E isso foi uma contribuição não pequena para a extinção desse amoralismo. (GRUPPI ,1982)

É preciso observar que o erro decorrente de uma ação política é produto do pensamento especulativo, uma vez e que este prescinde da realidade concreta das coisas, faltando-lhe a objetividade na análise dos fatos políticos

tomados em seu contexto histórico e social. No campo político, a especulação é duvidosa; porém, a experiência jamais engana.

Desta maneira, o objeto de suas reflexões era, pois, a realidade política concreta, pensada em termos humanos concretos. E o ponto central de seu interesse é o fenômeno do poder formalizado na instituição do Estado. (MAQUIAVEL, 1978)

2.2 – História e psicologia

Maquiavel parte da necessidade de se estudar a política a partir de dado momento social, com base em fatos sociais concretos, pressupondo apenas a existência do homem e sua história. Por isso, seu pensamento separa duas fases distintas da teoria política e sua originalidade consiste na descoberta e extensão do campo da política à ação humana global e a todo seu conjunto de relações. (REALE e ANTISERI, 1990)

Evidentemente não se trata aqui de propor um tipo ideal de Estado ou sociedade: trata-se de observar concretamente por dentro como as sociedades políticas se fundam, progridem e caem.

Esse exame empírico deve, porém, obedecer a duas coordenadas teóricas básicas, que norteiam toda proposta de Maquiavel:

- a) Uma Filosofia da História, que concebe o fenômeno histórico como composto de ciclos que se renovam em movimentos ao redor de si, repetindo-se os fatos históricos em suas linhas mestras;
- b) Uma Psicologia Humana, segundo a qual todos os homens são egoístas e ambiciosos, só recuando da prática do mal quando coagidos por necessidade ou por força da lei. pois, conforme o próprio Maquiavel (1978, p. 70) *“o príncipe não pode, com efeito, estribar-se no que vê em tempos tranqüilos, quando os cidadãos*

precisam do Estado: aí todos prometem, e estando a morte longe, querem morrer por ele”.

A partir disso, a proposta central do pensador florentino, é a de que se observados cuidadosamente os fatos do passado, é possível prever o futuro. São válidos os remédios aplicados no passado em situações parecidas, mas pode-se imaginar novos de acordo com a semelhança de situações.

Assim, determinadas as causas da prosperidade e declínio dos Estados que passaram, é possível tecer uma análise do quadro sócio-político e, desta forma, estudar outras sociedades e situações, tendo em vista que os problemas e suas causas se assemelham e dizem respeito aos mesmos efeitos. Isto não significa porém, que o método empírico-comparativo forneça uma tipologia de situações chaves, como se fosse um manual prático e fixo. A teoria científica, estruturada na reincidência dos fatos históricos e na invariabilidade do comportamento dos homens, deve ser completada pela investigação das particularidades de cada circunstância sobre a qual se pretende agir.

2.3 - O Príncipe: virtú e fortuna

A visão de Maquiavel sobre o fazer político dos homens deve ser considerada como estudo empírico que se processa de forma comparativa, não fornecendo um manual dogmático de situações e do que se deve fazer em cada uma delas, visto que os limites da ação sejam determinados pela realidade e pela circunstância de cada fato, é possível uma personalidade decidida interferir no ciclo da história. Junto a este ciclo histórico, Maquiavel coloca um outro fator e sobre o qual dá muito poucos esclarecimentos: chama-a “fortuna”, e pode ser entendida como aquela metade da vida mais dependente do ciclo histórico, e portanto, mais fora do alcance do governo. (GRUPPI, 1986)

É ela quem fornece a ocasião aproveitada pela “virtú” do governante. Assim, o homem de “virtú”, é aquele que sabe o momento exato criado pela fortuna no qual a sua interferência na história terá êxito. Falando dos grandes feitos dos grandes líderes (Moisés, Rômulo, Teseu, Ciro), Maquiavel (1978, p. 38) diz que “(...) *nas suas ações e vida nada indica que houvessem eles recebido da fortuna outra coisa senão a oportunidade da qual aproveitaram pela forma que mais conveniente lhes pareceu.*”

Conforme IANNI (2000) o príncipe é uma pessoa, uma figura política, o líder ou *condottiere*, capaz de articular inteligentemente suas qualidades de atuação e liderança (*virtú*) e aliando-as às condições sociopolíticas (*fortuna*) nas quais deve atuar. A *virtú* é essencial, mas defronta-se todo o tempo com a *fortuna*, que pode ser ou não favorável, podendo ser tão adversa que a virtú não encontra possibilidades de realizar-se. Mas a fortuna pode ser influenciada pelo descortino, a atividade e a diligência do *príncipe*.

MAQUIAVEL (apud IANNI, 2000, p. 145 –146) afirma que:

Nos principados inteiramente novos, onde um novo príncipe, se encontra dificuldade maior ou menor para mente-los, conforme tenha mais ou menos predados (virtú) aquele os conquista. E como o fato de passar alguém de particular a príncipe pressupõe valor (virtú) ou fortuna, é de crer que uma ou outra dessas duas coisas atenuem em parte muitas dificuldades ... Os estados rapidamente surgidos, como todas as outras coisas da natureza que nascem e crescem depressa, não podem ter raízes e as aderências necessárias para a sua consolidação. Extingui-los-á a primeira borrasca, a menos que, como se disse acima, os seus fundadores sejam tão virtuosos (virtuosos), que saibam imediatamente preparar-se para conservar o que a fortuna lhes concedeu e lancem depois alicerces idênticos aos que os demais príncipes construíram antes de tal se tornarem... Para que não se anule o nosso livre-arbítrio, eu, admitindo embora que a fortuna seja dona da metade de nossas ações, creio que, ainda assim ela nos deixa senhores da outra metade ou pouco menos. Comparo a fortuna a um daqueles rios, que quando se enfurecem , inundam as planícies, derribam árvores e casas, arrastam terra de um ponto para pô-la em outro: diante deles não quem não fuja, quem não ceda ao seu impulso, sem meio algum de lhe obstar . Mas, apesar de ser isso inevitável, nada impediria que os homens, nas épocas tranquilas, construíssem diques e canais, de modo que as águas, ao transbordarem do seu leito, coeressem por estes canais

ou, ao menos viessem com fúria atenuada , produzindo menores estragos. Fato análogo sucede com a fortuna, a qual demonstra todo o seu poderio quando não encontra ânimo (virtú) preparado para resistir-lhe e, portanto volve o seus ímpetos para os pontos onde não foram feitos diques para conte-la... Creio que isto é suficiente para demonstrar, em tese, a possibilidade de nos opormos à fortuna... Concluo, por conseguinte, que os homens prosperam quando a sua imutável maneira de proceder e as variações da fortuna se harmonizam, e caem quando ambas as coisas divergem.

Nesta linha de raciocínio a ação destinada ao êxito é aquela que se exerce conjugando adequadamente a ação certa no tempo certo pois, o carisma da “virtú” é próprio daquele que se conforma à natureza de seu tempo, apreendendo-lhe o sentido e se capacitando a realizar na prática a necessidade latente nas circunstâncias.

A “virtú” ou capacidade de aproveitar a ocasião oferecida pela *fortuna*, isto é, pelas circunstâncias objetivas em que a realidade se apresenta, constitui o eixo central que norteia a ação do príncipe: são momentos complementares da mesma ação do mesmo sujeito, onde, sem as condições favoráveis à sua atuação o seu valor pessoal (*virtú*) ter-se-ia apagado e sem ele, a oportunidade teria vindo inutilmente.

Cabe ao príncipe estar à frete dos acontecimentos, e agir de forma que possa, senão orienta-los, ter influência sobre eles, imprimindo sua vontade e tirando o melhor proveito em cada situação. Tais ações são cruciais para se manter no poder.

Fiel ao seu princípio de nada considerar como pressuposto a não ser o homem em suas circunstâncias históricas, também a moral que parte do maquiavelismo é “ sui generis” : virtude é saber adequar o agir à realidade e, segundo MAQUIAVEL (*apud* REALE e ANTISERI, 1990, p. 129) , isso impõe uma certa neutralidade moral, que muitas vezes coloca a ação do príncipe acima da moral e do direito pois:

Quem quer que se torne príncipe de uma cidade ou de um Estado, ainda mais quando seu apoio for fraco e não se volte à vida civil por via de reino ou de república, o melhor remédio que lê tem para manter aquele principado é o de, sendo príncipe novo, fazer cada coisa nesse estado de novo, como, nas cidades, fazer novos governos com novos nomes, com novas autoridades, com novos homens; fazer os ricos pobres e os pobres ricos (...) em suma, não deixar coisa nenhuma intacta naquela província, de modo a não existir grau, nem ordem, nem estado, nem riqueza que aqueles que os possuem não os deva a ti.

Para GRUPPI (1982 p. 14-16), Maquiavel parte da observação de que não há uma ordem social ideal, absoluta, independente da organização social de cada povo: pois o povo é uma matéria prima que aguarda a sua forma.

A engenharia da ordem social de cada povo deve partir primordialmente da análise da sua situação e nunca do arbítrio de um fundador de estados: o funcionamento de uma sociedade, depende da capacidade de seu fundador de captar a forma que mais se adequar às circunstâncias e impô-las sem vacilação.

Como criador de estados livres, o príncipe deve ter presente que não é a benignidade ou disposição de um herói, mas sim a energia criadora que vem da oposição e do conflito que dá as condições para a realização de suas metas políticas.

Os conflitos são da própria natureza da liberdade presentes em todas as sociedades. A inaptidão para viver, provém da desigualdade onde as condições são arbitrárias e não permitem a existência de um certo grau de igualdade no interior do estado. Por isso a desigualdade e os conflitos são conseqüências naturais da vida social e não representam uma ameaça real ao governo do Príncipe.

A grande inovação de Maquiavel foi, ter refletido sobre o Estado a partir da experiência de vários estados e sociedades que ele analisa e propõe como deveria se construir um estado moderno e unitário, tendo base à iniciativa de um príncipe.

As considerações, sobre a filosofia política de Maquiavel, não se dirigem especificamente ao seu conteúdo moral, mas sim, voltam-se mais sobre as orientações e técnicas que são sugeridas por ele, quando o assunto é política e poder. Sem dúvida, Maquiavel escreveu para o nosso tempo, uma vez que ele revela a maneira pela qual as sociedades lutam pelo poder, fazendo uso do conhecimento político e mais precisamente possibilitam compreender melhor as novas configurações do príncipe do contemporâneo que alia aos conhecimentos políticos às novas tecnologias de mídia e conhecimento e realiza a coalização das estruturas de poder na sociedade

3. – O Moderno príncipe em Gramsci

A apresentação do conceito de príncipe sistematizado por Maquiavel proporciona algumas condições básicas para situar as análises de Gramsci quando este redefiniu o príncipe num outro contexto histórico bem mais complexo. Faz-se necessário tratar de alguns conceitos básicos do pensamento político de Gramsci para situar melhor a sua concepção do moderno príncipe.

Dentro da esfera política e do embate das forças de oposição, normalmente, as ideologias se apresentam com a pretensão de proposta redentora da humanidade e, desta forma, entram na luta pela hegemonia, valendo-se dos métodos mais adequados e eficientes para conseguir seus objetivos. Esse foi o impulso que Maquiavel deu à ciência política.

Segundo COUTINHO (1999, p. 83-84), considerando a relevância destas idéias, principalmente porque elas apontam para a estrutura dialética e contraditória da sociedade:

Gramsci verá em Lênin o grande intérprete das idéias e das práticas propostas por Marx, bem como de sua ação política, compreendendo, assim, porque Lênin tornou-se o líder do proletariado russo e um verdadeiro cientista, artista principal da edificação de um estado Novo. Apropriado como o “condottiere” ideal, que soube unir teoria à prática, o homem de “virtú”, que aproveitou a ocasião oferecida pela fortuna (a fraqueza da sociedade civil russa), para implantar uma nova ideologia.

3.1 – Educação e construção hegemônica

A ditadura do proletariado dependia necessariamente do colapso do capitalismo, fruto de suas contradições e do esgotamento de suas possibilidades históricas. Na sua concepção, a cultura e a ideologia são frutos correspondentes a um dado momento do desenvolvimento econômico de uma classe dominante, mais especificamente no sistema capitalista, a classe que detém os meios de produção. Ora, em si, a estrutura econômica já traz certas contradições, pois não desenvolve igualmente as forças produtivas (operários) e as relações de produção (proprietários). Assim, quando as estruturas econômicas se desenvolvem a ponto de as superestruturas não lhe serem mais consoantes, elas se abalam, (REALE e ANTISERI 1990).

A visão marxista da sociedade compreende que o essencial é, pois, o momento estrutural da crise econômica, isto é, o momento em que as contradições econômicas serão tantas, que o sistema (mantenedor da ideologia da classe dominante) não pode mais contê-las. E a ideologia imposta pela classe economicamente dominante, perde sua hegemonia, quando não pode mais vencer as contradições que se desenvolveram no campo estrutural, (CHAUÍ, 1997).

Em resumo, o processo de ascensão e queda de uma classe dominante se dá através de um movimento de superação. Quando uma classe não consegue mais superar as contradições econômicas da sociedade, acaba perdendo seu

espaço político, enfraquece enquanto grupo dirigente e, por força da nova conjuntura, cede seu lugar a uma classe emergente. Paralelamente às bases econômicas, junta-se a iniciativa política o que conduz à hegemonia operária, num contexto revolucionário democrático burguês. Como afirma Gruppi, (1982, p. 58) :

a hegemonia tem a função de determinar os traços específicos de uma condição histórica, de um processo, tornar-se protagonista das reivindicações de outros estratos sociais, da solução das mesmas, de modo a unir em torno de si esses estratos, realizando com eles uma aliança na luta contra o capitalismo e, desse modo, isolando o próprio capitalismo (...) Colocar o problema da hegemonia operária significa, para Gramsci colocar o problema da função nacional da classe operária.

A partir dessa conexão, a realização da hegemonia pelo proletariado tem grande valor, pois, implica numa nova concepção de mundo: representa a construção de uma nova sociedade, de uma nova estrutura econômica, de uma nova organização política e também de uma nova organização ideológica cultural.

No bojo desta concepção, existem conseqüências que atingem não só a esfera da economia ou da política, mas também a esfera moral, do conhecimento e da filosofia. A revolução é, antes de tudo, intelectual e moral, o que acontece nas consciências, quando as classes subalternas percebem sua situação de dominados e explorados e compreendem as causas desta situação e, portanto, esta tomada de consciência se desdobra em uma nova práxis.

No processo revolucionário, a construção da hegemonia exige o comprometimento de classe e a superação de interesses particularistas e individualistas, abrindo espaços onde os diferentes segmentos de classe possam congrega e articular suas forças possibilitando , a partir da superação desse modo de ser e de pensar, que a vontade coletiva avance e delimie uma nova consciência, que se manifesta e se concretiza na prática política, pois para GRUPPI, (op. Cit. p. 31) “*constituir-se como classe hegemônica significa, assim*

tornar-se protagonista das reivindicações de outros estratos sociais, unindo em torno de si esses extratos, realizando com eles uma aliança”.

Assim a noção de hegemonia compreende, por um lado, a vontade coletiva e por outro, uma ação orientada, que só é possível de baixo para cima, a partir dos indivíduos que se tornam sujeitos históricos, conscientes e agentes de sua própria emancipação, pois segundo GRAMSCI (1980, p. 76), em virtude de *“o singular e o coletivo se {incorporarem} num processo que não mantém os grupos no plano inferior, em condições subalternas, mas os eleva e os torna capazes de dominar as situações, conferindo-lhes uma maior universalidade”.*

O problema da hegemonia, como conquista do consenso, está na necessidade de que as classes sociais abandonem o seu modo de pensar corporativo, produto das relações sociais e do modo de ser próprio da sociedade burguesa, que obstaculiza a formação de um projeto coletivo. A construção da hegemonia exige, assim, compromissos de classe, superação de interesses particularistas individuais, abertura de espaços para congregar as várias frações de classe. A partir da superação desse modo de ser e de pensar, a vontade coletiva avança e vai formando uma nova consciência, que se manifesta e se concretiza na prática política. Constituir-se como classe hegemônica significa, assim, tornar-se capaz de responder as diferentes necessidades dos diferentes atores sociais que, unidos em aliança, podem lutar por melhores transformações, pois conforme o grupo social se universaliza absorvido, num projeto totalizador este projeto se desenvolve em consonância com a vontade dos grupos subalternos, uma vez que segundo GRAMSCI (op.cit. p. 59)

trata-se de um processo incessante para elevar intelectualmente estratos populares , cada vez mais amplos, isto é, para dar personalidade ao amorfo elemento de massa, o que significa trabalhar e suscitar intelectualmente elites intelectuais de um tipo novo, que surjam diretamente das massas e permaneçam em contato com elas.

Então se hegemonia é, por um lado, vontade coletiva, e, por outro, autogoverno em que esse último se alcança através de um trabalho ‘de baixo’ que incorpora as diferentes singularidades mesmo em âmbito coletivo, diante desta nova condição, os grupos outrora dominados, elevam-se enquanto grupo político capaz de atuar e dominar as novas situações incorporando e produzindo novos valores, criando, assim, sua própria visão de mundo, o que Gramsci chamará de ‘reforma intelectual e moral’.

Quando Gramsci (apud GRUPPI, op.cit. p. 5-6) fala da hegemonia como “direção intelectual e moral”, afirma que essa direção também se exerce no campo das idéias e da cultura, manifestando a capacidade de conquistar o consenso e de formar uma base social, pois hegemonia, *“é algo que opera não apenas sobre a estrutura econômica (...), mas sobre o modo de pensar, sobre as orientações ideológicas e sobre os modos de conhecer”*.

Diante disto, torna-se clara a tese de IANNI (2000) quando apresenta seu conceito de “príncipe eletrônico” apontando a mídia em seus diferentes segmentos como instância reguladora e articuladora dos centros de poder, promovendo a propagação da ideologia dominante e mantendo as classes subalternas num estado de dominação cultural e psicológica, impedindo a tomada de consciência, e a conseqüente ‘elevação cultural e moral’, impossibilitando a formação de um bloco histórico de contra posição ao *status quo*.

Uma classe é hegemônica ou dirigente até o momento em que consegue, através de sua ação política, ideológica e cultural, manter articulado um grupo de forças heterogêneas e impedir que o contraste existente entre tais forças, provoque uma desagregação que leva a uma crise na ideologia dominante, o que causaria a crise política das forças no poder, (GRAMSCI, 1982).

3.2 - A Sociedade Civil

A noção de sociedade civil faz parte de uma concepção ampla de Estado, estabelecendo uma nova e original relação entre economia e política, ou entre a sociedade civil e a sociedade política. A sociedade civil se refere, principalmente, ao complexo de superestruturas ideológicas, encarregadas da direção moral e intelectual de um sistema social uma vez que forma o conjunto de organismos ditos privados, que correspondem à função de hegemonia que o grupo dominante exerce sobre toda a sociedade. É então o encarregado da hegemonia cultural e política, que busca construir o consenso de um grupo social sobre o resto da sociedade. Como diz PORTELLI (1985, p. 20) *“a hegemonia cultural e política de um grupo social exerce influência direta sobre o conjunto da sociedade, como conteúdo ético do estado, válido universalmente”*.

Os organismos que compõe a sociedade civil são denominados por Gramsci como aparelhos privados de hegemonia, uma vez que possuem certa autonomia em relação ao poder político.

Esta independência material, que caracteriza a sociedade civil, confere a ela, uma função mediadora entre as forças políticas e a coerção estatal. Por isso a construção da hegemonia deve abranger o conjunto das organizações que integram a sociedade civil.

Dito de outra forma, a sociedade civil engloba a totalidade das relações sociais, nas quais se desenvolvem as ações humanas; as instituições sociais bem como as ideologias nas quais as relações de poder se efetivam e se organizam na sua heterogeneidade. Estas ideologias, e tornam-se expressão dos projetos e práticas sociais singulares que configuram o cenário da luta de classes e o espaço de disputa na construção de uma hegemonia totalizadora através da qual as diferentes instituições interagem no cenário político e social. É nesta conjuntura que o moderno príncipe deverá atuar, não mais considerado como indivíduo e sim como o partido político.

A esfera da sociedade civil, dessa maneira, pode ser abordada a partir das diferenciações de classe e de interesses que se alteram pela influência das novas dinâmicas econômicas, políticas e culturais que fazem parte do desenvolvimento da vida social.

A vocação fundamental da sociedade civil é a direção do bloco histórico e, para isso, deve se adaptar às categorias sociais que atinge. Como tal é o conteúdo ético e o fundamento onde se firma a sociedade política: o que a sociedade política tem como senso comum, a sociedade civil ratifica como legal. (COUTINHO, 1999)

A sociedade civil também pode ser considerada sob vários aspectos: como ideologia da classe dirigente, como concepção de mundo ou como direção ideológica da sociedade.

Pode-se identificar três níveis essenciais a respeito da ideologia: propriamente dita, ou como estrutura ideológica (criação e difusão da ideologia) ou material ideológico (material técnico usado na difusão da ideologia).

Como a encarregada da manutenção e desenvolvimento da ideologia, concebida como concepção de mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, nas atividades econômicas, em todas as manifestações da vida individual e coletiva, o campo da sociedade civil é vastíssimo. Assim, sua existência não está deslocada das condições objetivas, onde se dá produção e reprodução da vida material e, conseqüentemente, a reprodução das relações sociais entre as classes.

A esfera da sociedade civil, dessa forma, pode ser abordada a partir das diferenciações de classe e de interesses que se alteram pela influência das novas dinâmicas econômicas, políticas e culturais que fazem parte do desenvolvimento da vida social.

Em sua vocação de dirigente do bloco, ela deve se adaptar às várias camadas que atinge. Nota-se logo que a ideologia, difundida nas classes sociais dirigentes, é muito mais elaborada que seus fragmentos esparsos encontrados na cultura popular. Em vista disso, estabelecem-se graus qualitativos na distribuição da ideologia:

- a) Ideologia como filosofia, com traços mais nítidos, como expressão cultural da classe fundamental pois, o filósofo não só é aquele que pensa com maior coerência e rigor lógico que os outros homens, mas conhece toda a história do pensamento, ou seja, é capaz de explicar o desenvolvimento que o pensamento teve até ele. Portanto, pode-se compreender o seu papel, como criador e articulador das idéias da classe que representa ou está atrelado , (GRAMSCI, 1982).

De fato, a história da filosofia e dos filósofos, é a história das tentativas e iniciativas ideológicas de uma classe determinada de pessoas, com vistas a mudar, aperfeiçoar e corrigir as concepções de mundo existentes em qualquer época.

- b) Ideologia como senso comum, que é um prolongamento da filosofia, é um amálgama de ideologias tradicionais, onde a ideologia da classe dirigente atual forma o bom senso.

Por isso, qualquer movimento filosófico deve permanecer em contato com as classes populares, e é nesse contexto que se situa a fonte dos problemas a serem resolvidos. Na realidade, só assim surge historicamente um novo tipo de filósofo, consciente de que sua personalidade não se limita à individualidade de seu pensamento, mas desenvolve uma relação social ativa, de modificação do ambiente cultural

- c) Ideologia como folclore, que é um conjunto de fragmentos não elaborados, de mais ou menos todos os restos de concepções de mundo que houve na história. Mas, ainda que incoerente e primitiva, é uma concepção.

Para poder atingir esses três níveis básicos de transmissão da ideologia, Gramsci inclui dentro dos organismos encarregados de desenvolver a frente teórica do partido, todo o instrumental que permite influenciar a opinião pública. Essas organizações, ditas culturais, possuem, implícita ou explicitamente, vínculos com determinada ideologia. As mais úteis são a escola e a imprensa, mas Gramsci elenca desde a arquitetura até a disposição dos nomes nas ruas como instrumental ideológico. (GRAMSCI, 1982)

3.3 - A Sociedade Política

A sociedade política constitui o grupo de instituições, que agrupa em si o conjunto das atividades quanto à função de coerção, assegurando legalmente a disciplina dos grupos que recusam o acordo proposto pela sociedade civil.

É um momento político-militar, prolongamento e concretização da direção econômica e ideológica que uma classe exerce sobre a sociedade, sendo formada para os momentos de crise, visando conformar a massa ao tipo de produção e economia de um determinado momento estrutural.

Assim, a sociedade política se distingue em dois níveis: a) dependendo de seu maior ou menor vínculo com a sociedade civil ou: como ditadura pura e simples, quando se trata de um poder estatal repressor e antidemocrático, ou como hegemonia política, quando exerce só função de coerção sobre a sociedade civil; b) dependendo do momento em que é utilizada pela classe dirigente ou habitualmente, controlando as classes que não consentem na direção da classe fundamental, e a excepcionalmente, em crises orgânicas, quando a classe dirigente perde o controle da sociedade civil.

Segundo Coutinho, (1999, p. 126-127) é importante acrescentar que não há separação orgânica entre elas: trabalham juntas e sua divisão é apenas pedagógico-funcional, pois:

diferem basicamente pela sua funcionalidade onde a sociedade política exerce a organização da vida social, articulando a produção e a reprodução das relações de poder. Assim, enquanto na sociedade política o exercício do poder ocorre sempre através de uma ditadura, ou seja, da dominação mediante a coerção, na sociedade civil esse exercício do poder ocorre através da direção política .

A sociedade civil pode, também, passar por uma gradativa estatização. O primeiro sinal disso é a estatização dos aparelhos clássicos de comunicação da sociedade civil e o controle dos novos órgãos de opinião pública, absorção da cultura e da própria sociedade civil, pois segundo GRAMSCI (1978, p. 124) “*toda escola unitária é escola ativa, se bem que seja necessário limitar as ideologias libertárias nesse campo e, reivindicar com certa energia, o dever das gerações adultas, isto é, do Estado, de ‘formar’ as novas gerações*”.

Na visão marxista, o Estado é apenas um momento necessário para a consecução da hegemonia. O objetivo da revolução socialista é a sociedade sem classes ou, como diz Gramsci, uma “sociedade regulada” e o desaparecimento do estado. (SPINDEL, 1989)

Gramsci reconhece que qualquer classe fundamental, que aspire à hegemonia, afirme representar a sociedade inteira e queira fundar uma nova sociedade. Mas isso só acontece quando a classe é realmente progressista, fazendo avançar o conjunto da sociedade como um todo não somente setores organizados em classes (COUTINHO, 1999)

A superação do Estado, na sociedade regulada, é atingida porque a sociedade que prevê o fim do estado representa a grande maioria da sociedade,

primeiramente pela base estrutural, mas, sobretudo porque essa classe, que prevê o fim do estado, dirige ideologicamente o conjunto que compõe a sociedade. Neste sentido, a superação do estado se dará mediante o desaparecimento progressivo dos mecanismos de coerção, de forma que a esfera da sociedade política e seus aparelhos coercitivos, serão reintegrados pelo conjunto da sociedade civil organizada na qual conforme Gramsci (1982, p. 116)

Na superação de seus próprios interesses de classe, ou antes, fazendo deles o interesse de toda a sociedade, o proletariado não precisa exercer a coerção, ou usar de meios violentos contra certos grupos excluídos do sistema hegemônico, uma vez que se tenha atingido a plena socialização do poder, uma vez que a sociedade política está destinada a desaparecer na medida em que é utilizada para o desaparecimento progressivo das classes dominantes antigas (...) ela é reabsorvida pela sociedade civil Assim, o aparelho de Estado é um desmembramento da sociedade civil, e se funde, depois, novamente a ela.

3.4 – A educação na escola

As classes sociais subalternas participam de uma concepção de mundo que não a sua, mas que lhe é imposta pela classe social dominante. E a ideologia da classe dominante, corresponde aos seus interesses e a sua função histórica e não aos interesses e função histórica da classe subalterna. Vemos, assim, a classe subalterna participando de interesses econômicos que não os seus, visto que a classe dominante tem interesses e ideologia próprios e estes são sistematicamente defendidos e propagados pelos seus aparelhos ideológicos principalmente pelos meios de comunicação de massa. Conforme pontua Ianni (1998, p 95):

No âmbito da aldeia global, prevalece a mídia eletrônica como um poderoso instrumento de comunicação, informação, compreensão, explicação e imaginação sobre o que vai pelo mundo . Juntamente com a imprensa, a mídia eletrônica passa a desempenhar o singular papel de intelectual orgânico dos centros mundiais de poder, dos grupos dirigentes das classes dominantes [E] essa mídia adquire o caráter de um singular e insólito intelectual orgânico articulado às organizações e empresas transnacionais predominantes nas relações, nos processos e nas estruturas de dominação política e apropriação econômica que tecem o

mundo, em conformidade com a “nova ordem mundial”, ou as novas geopolíticas e geoeconomias regionais e mundiais.

Na realidade, o que se percebe é que o projeto político-social voltado para o fortalecimento da ordem econômica, confere às classes dirigentes um forte poder de cooptação e supremacia, provocando, no campo ideológico, a conseqüente despolitização das classes subalternas

Assim, para manter tal situação e inviabilizar o processo da contra-ideologia, que poderá ameaçar sua situação, as classes do poder se vêm obrigadas a fazer e refazer alianças num rearranjo contínuo de forças que vão cerceando as possibilidades de formação e organização de organizações revolucionárias.

Sendo detentora do poder econômico e, portanto, politicamente dominante, a classe hegemônica possui meios de construir sua própria influência, capacidade própria de influenciar e determinar as consciências de toda a coletividade e neste processo é crucial o papel das novas tecnologias de mídia que dão certa ‘coerência’ a realidade e conferencia uma relativa unidade à realidade social. (GUARESCHI, 2001)

A escola também é um importante aparelho ideológico visto que visa entre outras coisas submeter os indivíduos a um processo contínuo de assimilação dos valores da classe dominante. A relação de hegemonia é uma relação pedagógica, isto é, a hegemonia é imposta lentamente através de canais de conscientização, ou *aparelhos ideológicos do estado*. (ALTHUSSER 1992)

Segundo Freitag (1985, p. 35) considera que as instituições de ensino em todos os níveis estimulam não o pensamento crítico mas sim “*o senso comum pois este é a força mais adequada de atuação das ideologias, pois a escola é um dos agentes centrais de sua formação*”.

Ora, o sistema educacional está localizado na base da sociedade civil, onde as leis da classe hegemônica são implantadas. Por isso, o Estado, depois de formular as leis da sociedade política, se encarrega de sua materialização na sociedade civil, fazendo com que as concepções da classe dominante se reflitam nos conteúdos curriculares¹, na seriação horizontal e vertical das informações filtradas, na seleção e canalização dos alunos (vestibulares, preços). (FREITAG, 1985)

Além da mídia, e da escola também a religião representa um eficiente meio de propagação dos valores que sustentam e legitimam a ideologia dominante. Para Gramsci (1982, p. 88) o catecismo como livro fundamental, elaborado com extrema sabedoria pedagógica, ajuda a imprimir nas grandes massas uma determinada concepção de mundo.

Para BOFF (1980) analisando as estruturas de poder do catolicismo romano a tradição cristã com sua teologia do medo e da conformidade, pregando a paz e a obediência à autoridade, contribui enormemente para o enfraquecimento das iniciativas revolucionárias, principalmente por ter grande penetração entre as massas. Assim, indiretamente, conseguiu fortalecer a ideologia dominante, mascarando os conflitos e desigualdades sociais e ajudando a perpetuar a dominação social e cultural.

Enfim, todos os pequenos e grandes episódios, as crenças populares, o serviço militar, a televisão, o cinema, o teatro, a imprensa, as editoras são convencidas, de um modo ou outro, e levadas a defenderem, consciente ou inconscientemente, os interesses ligados à ideologia dominante.

Dois importantes teóricos do Instituto de Pesquisa Social, Adorno E Horkheimer , através de sua crítica social e do conceito de *Indústria cultural*, irão

¹ NOTA: Para uma visão maior a respeito da ideologia subjacente aos currículos escolares, é interessante ver a obra de Maria de Lourdes Chagas Diró Nosella, “As Belas Mentiras”. Trata especialmente da maneira genial de se confeccionar a ideologia dominante a partir das crianças.

desvelar os mecanismos de controle e a lógica que perpassa os meios de comunicação social e as diferentes manifestações artísticas que exercem um papel fundamental na defesa e afirmação dos valores capitalistas e das classes do poder.

Conforme Freitag (1985, P. 32) a assimilação ou seja a hegemonização estará completa quando a classe dominante conseguir que saia de circulação toda a contra-ideologia, obtendo o consenso e a colaboração das classes subalternas, que *“passam a viver sua opressão como se fosse liberdade”*, como se aquilo que recebessem da classe dominante fosse o justo, o correto então, passa a considerar real e verdadeiro o modelo ideológico econômico e social, imposto por uma classe dominante.

A obtenção desse consenso, porém, não pode ser feita através da violência, pois nesse caso seria ditadura direta. O que se faz é criar condições ideais para que os indivíduos da classe subalterna optem pelo modelo imposto, de maneira “livre”. E são justamente esses raros momentos de abertura que possibilitam a inovação e o avanço social.

Se as classes subalternas são dominadas por uma ideologia que as abafa através de mil canais, sob a ação da classe dominante, o fato é que as necessidades efetivas das classes subalternas entram em contradição com a concepção de mundo cristalizada da classe dominante. A partir da tomada de consciência, a classe subalterna, busca combater e superar a ideologia dominante. Por sua vez a estrutura econômica, representada pelas forças produtivas entra em choque com a superestrutura ideológica. Tal choque tende a desdobrar-se em conflitos que se tornam o núcleo potencial da ação revolucionária, (GRAMSCI, 1982).

Porém, enquanto houver contradição entre a ação revolucionária das classes subalternas e a sua concepção de mundo (absorvida ainda da classe

dominante), essa ação não pode tornar-se coerente. Será sempre uma ação fragmentária, rebeliões desesperadas e, depois passarão à passividade improdutivo, extremismo e oportunismo. A ação coerente e que pode funcionar, exige ser guiada por uma concepção de mundo própria, uma visão unitária e crítica dos processos sociais. É impossível fazer revolução, enquanto a classe subalterna não tiver consciência de seus próprios interesses, função histórica e de sua própria filosofia. É preciso que as classes dominadas tenham consciência de sua condição e, a partir desta consciência, construam as ações necessárias, que viabilizem a sua plena emancipação, (COUTINHO, 1999).

Trata-se de se elaborar uma nova concepção de mundo, que parta do senso comum, não para manter-se preso a ele, mas para criticá-lo, depurá-lo e elevá-lo ao bom senso.²

Essas classes permanecerão sempre subalternas, enquanto não progredirem no processo de unificação entre sua ação e sua teoria, entre política e filosofia, pois conforme afirma Gramsci (1982 p. 21) *“uma massa humana não se distingue e não se torna independente por si, sem organizar-se”*.

3.5- – Os intelectuais

Não se pode falar de uma nova concepção de mundo, de um novo grupo hegemônico, sem citar a ação do intelectual orgânico³. De fato, uma hegemonia se constrói quando seus elaboradores, os elaboradores da ideologia.

² A noção de bom senso, é muito importante, pois valoriza os valores culturais presentes nas classes subalternas, bem como sua capacidade de percepção e assimilação da realidade. A elevação do senso comum à condição do bom senso se dá principalmente pelo trabalho dos intelectuais, que Gramsci os chamará de ‘orgânicos’. Estes, promovem no interior das massas a ‘reforma intelectual e moral’ conferindo uma dimensão hegemônica à sua maneira de ver e pensar o mundo.

³ NOTA : A organicidade é definida como a necessidade que tem o movimento superestrutural do bloco histórico de evoluir nos limites do desenvolvimento estrutural . (Cf. Porteli, 1985, p. 47)

Porém, o intelectual em Gramsci não se reduz ao tipo mais conhecido do literato, filósofo, artista, mas engloba em seu âmbito o pesquisador, o técnico, o educador, o administrador, enfim, todos aqueles que ajudam a desenvolver a consciência de classe, através de um dos canais de conscientização. Portanto, para GRAMSCI (1978, p. 3) não é um grupo social autônomo, mas *“cada grupo social cria uma ou várias camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência de sua própria função, não só no plano econômico, mas no plano social e político”*. É, assim, o grupo encarregado de elaborar a ideologia a partir de uma classe e de torná-la universal, presente no fazer político e social das classes dominadas.

É o intelectual quem retira da ação fragmentária das classes subalternas os elementos que lhe possibilitem uma teorização, fornecendo ao seu grupo social, uma concepção de um mundo coerente com as suas aspirações. Sua organicidade, e isso é o que lhe dá autenticidade, mede-se pelo grau de necessidade em relação à estrutura, isto é, esses intelectuais devem criar ideologias que organizem os grupos sociais e os dirijam de acordo com as condições sócio-econômicas.

Por isso são os vinculadores entre estrutura e superestrutura. São vistos em sua classe, mas com relativa autonomia em relação a elas. Dentro da classe, eles devem ser a consciência, ou melhor, como diz GOMES e SOUZA (*In Encontro com a civilização brasileira, Setembro 1978, p. 29*) *“a autoconsciência cultural, a autocrítica da classe, Por isso os intelectuais , não podem ser agentes imediatos dela, mas devem se afastar para então se unirem mais intimamente, para formarem uma verdadeira superestrutura, e não para serem um elemento inorgânico e distinto da estrutura-corporação”*.

Através do elemento cultural ocorre a conquista de uma consciência superior, mais elevada e autêntica, onde cada qual consegue compreender seu valor histórico, sua própria função na vida, seus próprios direitos e deveres.

Em nossas sociedades, temos basicamente dois tipos de intelectuais, que não se diferem quanto à função, mas só pelo fato de servirem a uma classe dominante ou subalterna. Sua função é a função de sua classe: manter a hegemonia ou tentar a derrubada da velha hegemonia.

Os intelectuais da classe dominante cumprem a sua função no mundo dos meios de comunicação de massa, de publicidade, das artes, da educação e da política, ou seja, tentam legitimar a situação vigente e torná-la aceitável à população subalterna.

Nas escolas, difundem-se valores da cultura dominante, internalizam-se pautas de comportamento funcionais ao sistema pois segundo SAVIANI (*In Nosela, 1958, p. 14*), em relação à escola:

coloca-se [...] a serviço dos interesses dominantes, já que ao negar que o processo de inculcação se dá de modo contraditório e conflituoso, acaba por desestimular qualquer tentativa de utilização da escola como instrumento de luta pela libertação das camadas subordinadas. Ora, se a escola é o veículo por excelência de difusão da 'cultura erudita'; se a 'cultura popular' só pode servir aos interesses dominados na medida em que for formulado em termos eruditos, deriva daí a importância da escola como instrumento para elaborar e expressar de modo erudito os anseios da classe dominada.

Para GRAMSCI (1982, p. 135) “os intelectuais da classe emergente são uma minoria, pois a classe operária é pobre em elementos organizadores (a classe hegemônica normalmente cuida disso através de um rigoroso processo de seleção), não podendo formar seu grupo de intelectuais, senão muito lentamente”. A classe subalterna é despojada não só de bens materiais, mas também de cultura, normalmente colocada nos termos eruditos da classe dominante. Por isso, nota-se que o movimento das classes subalternas vem geralmente de fora, como foi o movimento do comunismo russo; uma vez que (1982, op. Cit. p. 51) “na Rússia, a doutrina social democrata surgiu de maneira totalmente independente do crescimento espontâneo do movimento operário.”

A análise de Gramsci a respeito do intelectual orgânico como parte de sua classe e ao mesmo tempo como aquele que, fora dela, vai conduzi-la, ajuda a situá-lo dentro de sua classe e confere a ele próprio uma identidade de intelectual orgânico.

Diante das novas configurações da vida social e econômica o papel dos intelectuais segundo IANNI (1997, p.62) se torna

o de pensar os meios e modos de operação do todo e de suas partes, colaborando para que se articulem dinamicamente, de modo a construir a aldeia como um sistema global. São esses intelectuais que promovem a tradução da organização e dinâmica das forças sociais, econômicas, políticas e culturais que operam em âmbito mundial, transpondo fronteiras, regimes políticos, idiomas, religiões, culturas e civilizações. Para isso operam as tecnologias da inteligência, cada vez mais indispensáveis, quando se trata de desenhar, tecer, colorir, sonorizar e movimentar a aldeia global, traduzindo as configurações e os movimentos da sociedade mundial .

Há uma relação dinâmica entre a ação e a reflexão que se faz sobre ela, que obriga a um dinamismo. GRAMSCI (1982, p.130) pontua que “*o povo sente, mas nem sempre compreende ou sabe; o intelectual sabe, mas nem sempre compreende e muito menos sente*”. Assim, a práxis política torna-se inviável, pois para que ela realmente aconteça como ação organizada é preciso uma reciprocidade entre intelectuais e povo.

É do contato com a estrutura real e concreta que surge a ação do intelectual. Isso impede, por um lado, um paternalismo de vanguarda, isto é, uma visão ingênua do povo, pois segundo GRAMSCI (op.cit. p. 18) “*trata-se de elaborar uma filosofia, tendo já uma difusão ou possibilidade de difusão, pois ligada à vida prática e nela implícita, torne-se um senso comum renovado pela coerência e pelo vigor das filosofias individuais. E isso não pode ocorrer se não se sente permanentemente a exigência do contato cultural com os simplórios*”.

Isso porque, no senso comum, se pode captar uma sabedoria latente, ainda que traga introjetada a ideologia da classe dominante. Como afirma FREIRE

(1980, p. 32-35), *“o oprimido introjetou o opressor, hospedando-o em si, e pela sua voz, muitas vezes fala o opressor”*.

O dominado é dominado inclusive em suas idéias, e sua libertação passa pela sua maneira de pensar. Isso exige um trabalho pedagógico-comum, entre povo e intelectuais, para que se chegue a um senso comum renovado. Os teóricos não podem dar à sua classe uma consciência exterior, mas serem seus porta-vozes, extraíndo suas teorias das experiências deles. Logo, para GOMES (*In Encontro com a Civilização Brasileira*, set, 1978, p. 36) *“o material de trabalho dos intelectuais que se querem unir aos esforços das classes populares, deve ser a história mesma de suas lutas e não o debate de teses ideológicas”*.

3.6 – O Moderno príncipe

Para Gramsci, o marxismo como concepção de mundo que se funda na práxis revolucionária transformadora e que prova na prática a sua realidade, é a única filosofia capaz de realizar a passagem das pessoas de um nível mais baixo de concepção de mundo para um nível superior, transformando o senso comum em uma visão crítica. (COUTINHO, 1999)

Mas o que a filosofia da práxis faz, não é descer ao nível das massas, mas elevá-las até si e compartilhar com elas a verdadeira filosofia, conduzindo-as a uma concepção superior de vida, ao materialismo histórico, a uma sociedade sem classes.

O marxismo tem essa capacidade: é uma filosofia que expressa justamente os interesses das classes subalternas e uma filosofia capaz de conduzir as classes subalternas a assumirem a condição de classe dirigente, num primeiro estágio, assumindo a sociedade política, para, enfim, fazer uma sociedade sem classes, com uma filosofia própria. (COUTINHO, 1999)

A classe operária, em seu processo de formação, não pode ter, ainda, consciência de seus próprios interesses e de sua história. Porém, ela já começa a sentir que as concepções que lhe são ensinadas não correspondem a seus interesses. Começa então, a se distanciar de instintivamente de tais concepções e, encontra sua concepção autônoma no marxismo.

Se hegemonia é a superação da contradição entre prática e teoria, através da vinculação orgânica estabelecida pela ressonância estrutura-superestrutura, necessita-se de um mediador para o processo de luta entre as várias hegemonias. E o unificador da teoria e da prática, o “condottiero” dos anseios do povo em dada formação social concreta, é o partido, o *moderno príncipe*. (GRAMSCI, 1982)

Gramsci, preocupou-se em interpretar os processos sociais e desvelar as desigualdades sociais da sociedade capitalista, analisando as lutas de classes tanto no viés das massas trabalhadoras quanto da burguesia dominante, descobrindo e apontando as possibilidades históricas de cada uma no processo de construção da hegemonia e, neste processo, de que maneira o *moderno príncipe* pode atuar.

Conforme IANNI (2000, p. 142);

Tanto no que se refere a O príncipe, de Maquiavel como moderno príncipe, de Gramsci, estão em causa figuras e figurações fundamentais da política. Tudo o que pode ser específico da política neles se polariza, sintetiza, galvaniza. Nesse sentido é que, em última instância, esses tipos ideais ou arquétipos estão referidos à capacidade de construir hegemonias, simultaneamente à organização, consolidação e desenvolvimento de soberanias.

Gramsci (1982, p. 126), reporta-se a Maquiavel e vê nele o teórico do estado unitário moderno, pois segundo ele “*O Príncipe tem um caráter utópico quando simboliza o chefe. Porém, não é fria utopia nem doutrina: é criação da fantasia concreta, que atua sobre um povo, buscando despertá-lo e organizar a*

vontade coletiva: representa plasticamente e antropomorficamente o símbolo da vontade coletiva”.

Em Maquiavel, a formação da vontade coletiva é apresentada com traços e qualidades de uma pessoa concreta. De um líder original e corajoso, fonte e inspiração da mudança, que ele próprio coloca em curso.

Neste sentido o que se destaca é o método de fazer política, ensinado por Maquiavel, parte da consciência adquirida de que a política tem a sua autonomia, obedece a leis próprias, que fundam uma nova moral imanentista, cuja finalidade não é salvar a alma individual, mas a da coletividade.

Conforme Gramsci (op.cit p. 9) *“a inovação fundamental introduzida pela filosofia da práxis na ciência da política e na história é a demonstração de que não existe uma natureza humana abstrata, fixa, imutável, mas que a natureza humana é o conjunto das relações sociais historicamente determinadas, isto é, um fato histórico comprovável dentro de certos limites, etc.”*

A atividade política ocupa o primeiro momento na busca da hegemonia, na formação da vontade coletiva. Isso porque, (op.cit. 11) *“sem o rompimento da unidade que se funda na ideologia tradicional, a nova força não poderia adquirir consciência de sua própria personalidade independente”*. Não que haja círculos dentro da formação superestrutural: isso se resolve com o conceito de bloco histórico, que concilia natureza e espírito. Daí a ação permanente da política nascer de sua identificação com a economia, , pois (op.cit. p. 14) *“(...) pode-se falar de ‘paixão política’ como um impulso imediato à ação, que nasce no terreno permanente e orgânico da economia”*.

Pode-se ficar na concepção do *Príncipe*-mito, quanto à sua ação na formação da vontade coletiva. Mas pode ser o *Príncipe* um ente não construtivo, ficar apenas em sua fase de formação? Essa vontade não se quebraria numa

infinidade de vontades individuais, que em virtude de sua fase positiva (reconstrução) seguem caminhos diversos?

Para que isso não venha a acontecer, é necessário que se destrua construindo, política e praticamente, como programa de partido: o *Príncipe Moderno* só pode ser um organismo concreto da sociedade, onde já se manifesta a vontade coletiva, ainda que em ações parciais.

Cabe ressaltar que para Gramsci (1982) o *príncipe moderno* está além de uma concepção personalista idealizada na figura do *condottiere*. Trata-se não de uma pessoa mas de uma organização que encontra no partido político sua performance mais evoluída, uma vez que potencializa em si as capacidades e habilidades de seus líderes e seguidores efervescendo seus sonhos e anseios de mudança. Cabe ao partido colocar-se frete ao jogo político e articular as ações que melhor viabilizem seu projeto de forma a expressar em sua prática e em seu programa as inquietações e reivindicações sociais, políticas e econômicas dos grupos que compõem e dos demais segmentos e setores da sociedade.

Segundo GRAMSCI (apud, IANNI, 2000, p. 147):

O moderno príncipe, o mito-príncipe, não pode ser uma pessoa real, um indivíduo concreto; só pode ser um organismo; um elemento complexo da sociedade no qual já tinha se iniciado a concretização de uma vontade coletiva reconhecida e fundamentada parcialmente na ação. Este organismo já é determinado pelo desenvolvimento histórico, é o partido político: a primeira célula na qual se aglomeram germes de vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais... É preciso também definir a vontade coletiva e a vontade política em geral no sentido moderno; a vontade como consciência atuante da necessidade histórica, como protagonista de um drama histórico real e efetivo (...) O moderno príncipe, desenvolvendo-se, subverte todo o sistema de relações intelectuais e morais, na medida em que seu desenvolvimento significa de fato que cada ato é concebido como útil ou prejudicial, como virtuoso ou criminoso... O fato da hegemonia pressupõe indubitavelmente que se deva levar em conta os interesses e as tendências dos grupos sobre os quais a hegemonia será exercida; que se forme certo equilíbrio de compromisso, isto é, que o grupo dirigente faça sacrifícios de ordem econômico-corporativa. Mas também é indubitável que os sacrifícios e o compromisso não se relacionem com o essencial, pois se a hegemonia é ético-política

também é econômica; não pode deixar de se fundamentar na função decisiva que o grupo dirigente exerce no núcleo decisivo da atividade econômica.

A ação do *Moderno Príncipe* deve partir da vontade coletiva, entendida como atuação, causada por uma necessidade histórica. Não se encarna numa pessoa concreta, pois que perderia sua amplitude e sua organicidade, uma vez que pressupõe representar a vontade coletiva e só em emergências se recorreria a tal expediente, para restaurar ou reorganizar.

O *Príncipe*, é o Partido que, entre os diversos outros que compõem o quadro, pretende e está historicamente designado a isso: criar um novo tipo de Estado. Porém, um partido não é isolado: tem amigos, inimigos, afins e a história de um partido resulta de todo o quadro. Muitos dos grandes partidos fundamentais dividem-se em outros pequenos. E muitas vezes, o estado-maior intelectual do partido orgânico, não pertence a nenhuma das frações sociais, mas opera como se fosse uma força dirigente superior aos partidos como tal. E os movimentos libertários, não são autônomos, mas margeiam esses partidos, para educá-los.

Nos países onde existe um único partido de governo, ele não tem simplesmente ação política, mas de propaganda, de influência moral e cultural. Sua influência política é indireta, pois se não há outros partidos legais, há pensamentos contrários, legalmente irrefreáveis. Logo, sua função é cultural, pedagógica e mesmo sua ação política se reveste de um caráter cultural.

Pode-se então distinguir dois tipos de partidos: aquele que não tem ação política direta constituída por uma elite de homens de cultura, com a função de dirigir, do ponto de vista da ideologia geral, um grande movimento de partidos afins; e aquele da não-elite, da massa, cuja função é de fidelidade a um centro político.

Conforme GRAMSCI (1978, p. 67) o partido constitui-se essencialmente de três estratos, em que o primeiro é *“um elemento difuso de homens comuns médios, cuja participação é oferecida pela disciplina e pela fidelidade, não pelo espírito criador e organizativo”*. É um estrato que adere pela fé e entusiasmos sem consciência crítica ou organizadora e capaz de ação consciente.

O segundo estrato tem a organização está a cargo do (op.cit. p. 90) *“elemento de coesão principal, que torna eficiente e poderoso um conjunto de forças que abandonadas a si, valeria zero. Este elemento é dotado de força altamente coesiva, centralizadora e disciplinadora”*.

Após esse elemento coesivo, de caráter nacional, o grupo dirigente, tem ainda um terceiro estrato, intermediário, que liga o núcleo dirigente com a base,(op.cit. p. 101) *“um elemento médio, que só articule o primeiro com o segundo, colocando-os juntos não só fisicamente, mas moral e intelectualmente”*.

A estrutura básica do trabalho de um partido deve ser a formação de uma vontade coletiva nacional popular, da qual será uma expressão atuante, e uma reforma intelectual e moral, a fim de alcançar uma forma superior de vida, feita através de uma mudança econômica e da posição social.

O *Príncipe* terá a capacidade de subverter todo o sistema na medida em que cada ato é concebido como útil ou como prejudicial, virtuoso ou criminoso. Daí a necessidade de partir de uma análise histórica (econômica) da estrutura social do país e uma representação dramática das tentativas feitas antes para levantar a vontade coletiva, e as razões de seu fracasso.

Em certos momentos da vida do partido, surgirá a constatação de que ele não está representando a sua classe: pode estar se cristalizando como um momento. Por isso, a força mais perigosa para a vida do partido é a burocracia,

pois ela é mumificadora e chega a constituir um corpo solidário, independente da massa. E o partido se torna anacrônico, falhando em seus empreendimentos.

A esse fato está ligada uma das questões mais importantes no que se refere aos partidos: sua capacidade de reação contra as tendências anacrônicas e mumificadoras. Um partido jamais se completa. E para o partido que pretende acabar com a divisão de classes, seu clímax consiste em não existir mais, pois sendo o partido uma nomenclatura de classe, acabando as classes, acaba o objeto de sua representação. (COUTINHO, 1999)

Em suma, os partidos são organizações encarregadas de dirigir situações historicamente vitais para as classes que representam. Sua hegemonia se abala quando ele perde sua capacidade de adaptação às novas tarefas que o tempo e as circunstâncias históricas lhe impõe. E quando representam o Estado, possuem missão educativa e formativa, com o fim de criar novas e mais elevadas formas de civilização, ou nas palavras de GRAMSCI (op.cit. p. 88) “*adequar a civilização e a moralidade das mais amplas camadas populares às necessidades do desenvolvimento continuado do aparelho econômico de produção, portanto, elaborar também tipos novos de humanidade*”.

4. – *O príncipe eletrônico*: as novas tecnologias de mídia, informação e comunicação

Fundamentalmente , os meios de comunicação de massa têm como objetivo a universalização da produção de bens d consumo. Nesse processo, a herança cultural, em sua totalidade, é reduzida ao eixo capitalista da utilidade e da dominação.

(Oskar Neget)

Nos capítulos anteriores o conceito de príncipe em Maquiavel e Gramsci e seus desdobramentos no campo da prática política e das relações sociais

evidenciando que estes dois modelos ou arquétipos encontram diferentes figurações em diferentes épocas, com seus contextos e desafios. Portanto a figura ou figurações do príncipe podem ser observadas ao longo da história das práticas políticas. (IANNI, 1999)

Analisar a questão do príncipe é buscar compreender as formas de atuação das forças de poder em cada época ou sociedade e cumprir saber se a época atual que marca o final do século XX, as idéias políticas de Maquiavel e Gramsci no que se refere aos aspectos das lideranças políticas e a constituição dos centros de poder ainda encontram ressonância. Ou conforme IANNI (2000, p. 143) :

Reconhecendo-se que são outros os desafios históricos-sociais da globalização em curso no fim do século XX, cabe perguntar se hegemonia e soberania, compreendendo líder e seguidores, dirigentes e subalternos, aliados e adversários, ou virtú e fortuna, ainda têm algo, muito ou nada a ver com um, outro ou ambos os príncipes. Neste sentido, cabe perguntar se a crise que parece atingir duramente um e outro não acaba por colocar em causa o que poderia entender por hegemonia e soberania, tanto quanto virtú e fortuna, bem como outras categorias “clássicas” da política.

No contexto da globalização e das novas configurações geopolíticas, parece-nos claro que as idéias de Maquiavel e Gramsci precisariam de novas reformulações, principalmente em função das novas formas de sociabilidade e dos novos jogos de poder. As relações de trabalho já não são as mesmas, a mundialização da cultura, o advento das novas tecnologias de informação e conhecimento postulam a exigência de análises mais profundas e críticas afim de que se possa com segurança perceber a presença de uma nova fase do príncipe ou como postula IANNI (op.cit. p. 144) “*esse pode ser o clima em que se forma, impõe e sobrepõe o príncipe eletrônico, sem o qual seria difícil compreender a teoria e a prática da política na época da globalização*”

A sociedade contemporânea é marcada por estruturas de comunicação e informação profundamente influenciada pelos novos sistemas tecnológicos e estes

permeiam o fazer e o agir social das pessoas cria novos consensos e estabelece novas verdades e novas formas de sociabilidade, exercendo um crescente controle das formas de agir e de pensar das pessoas e das organizações. (SOUZA, BRASIL *In Moraes, Globalização, Mídia e cultura contemporânea*, 1997)

Segundo MORAES, (2001) esta constatação aponta para um perigo real e imediato, pois tendo presente que em âmbito global o domínio dos novos sistemas tecnológicos de comunicação e informação se restringe a poucos grupos formados por megaempresas e grandes conglomerados da mídia há risco do monopólio das informações e da homogeneização de valores que visam a sustentação no modelo capitalista neoliberal.

Por tanto é preciso muita cautela quando se analisa os efeitos da globalização no campo da vida social dos estados nacionais e das relações sociais presentes nas diferentes culturas. O clima de otimismo criado em volta das vantagens prometidas pelas novas tecnologias deve ser visto sob o prisma da crítica, para não se correr o risco de ser arrastado pela onda massificadora que aprisiona, manipula, se cerceia a liberdade de ser e de pensar de maneira autônoma.

4.1 - Mídia e Globalização

Quando Weber, analisando o capitalismo imperialista, pontuou as principais formas de se obter lucro, onde o controle político e econômico, bem como a formação de monopólios são essenciais no intuito de sujeitar um estado ou nação aos objetivos comerciais da nação ou estado dominante. Ressaltando a característica marcante do capitalismo que é o seu dinamismo em superar crises internas e remodelar suas ações de acordo com os novos contextos em que se encontra. (WEBER ,1982)

A análise de Max Weber se refere ao capitalismo imperialista da metade do século XIX. A dominação imperialista dificilmente se utiliza das velhas formas arcaicas de dominação e controle especialmente a força militar. Contemporaneamente o fenômeno da globalização disponibilizou inúmeros recursos e formas de garantir a subserviência de outros povos e culturas. O controle social e a dominação ocorrem em diferentes níveis, sendo os mais evidentes o cultural, econômico, o primeiro acontecendo por meio da alienação e o segundo principalmente na infraestrutura das relações de produção da sociedade.

Os grandes capitais financeiros mundiais e as grandes empresas transnacionais exercem um modelo de imperialismo baseado em sofisticados recursos e técnicas de controle social, onde a mídia em suas diferentes categorias exerce com muita eficiência esta função.

Como pontua DREIFUSS (2000, p.26):

Na rearticulação planetária do poder, são reformatadas as organizações e instituições políticas, e reconfigurados os novos modos de vida. Essa rearticulação é liderada pelas únicas organizações que efetivamente se transformam para ser atores globais – as corporações estratégicas -, operando no verdadeiro plano das decisões reais, graças aos recursos midiáticos da programação e da intercomunicação em tempo real.

A modernização do mundo e a complexificação das relações sociais que se projetam em redes de comunicação criaram um cenário onde o mundo mais parece uma aldeia global. Tudo se articula em redes de comunicação e se propagam em teias multimídias de comunicação alcançando quase que instantaneamente o mundo todo.

O fenômeno da globalização infunde a idéia clara de que valores, bens de consumo, padrões de comportamento éticos e estéticos, tudo passa a circular no universo virtual ou real no mesmo nível com o mesmo grau de importância, criando assim uma cultura banalizada de massa, um mercado mundial de bens

culturais, configurando um novo universo de trocas simbólicas e o surgimento de novas linguagens com novos significados desterritorializados e abstraídos de seus contextos vitais e existências.

Diante deste novo contexto global e mundializado onde as mídias exercem um papel decisivo, são muitas conseqüências sociais, históricas e culturais, que vão transformando o imaginário social das pessoas e modificando radicalmente seu modo de ser e de agir no mundo.

Segundo MANCE, (O Capitalismo atual e a produção da subjetividade, 1998. Disponível em [http:// www.milenio.com.br](http://www.milenio.com.br). Acesso em 04 maio.2002)

as mídias de massa têm cada vez maior preponderância afirmando padrões estéticos, éticos e políticos. Valendo-se do saber elaborado pelas ciências humanas que esquadrinharam as subjetividades, as mídias de massa exercem poder sobre elas, de modo tal a agenciar certos comportamentos, a determinar certos movimentos sociais, a promover o consumo de certos produtos, etc. Em síntese, elas interferem com seus processos pedagógicos nos níveis mais íntimos da subjetividade, agenciando os comportamentos mais variados

No contexto da mídia global, imperam as novas tecnologias da informação e comunicação como um instrumental técnico e pedagógico que atua na realidade social e psíquica dos indivíduos assegurando que estes cumpram seus papéis sociais os quais são previamente definidos conforme os interesses dominantes afim de garantir a concordância e a 'harmonia' social. (MANCE, op.cit.)

Cabe colocar que a mídia não é algo monolítico, não se trata de um substrato estrutural que segue as mesmas normas de maneira rígida e fixa. Há espaços de crítica e discordância. Porém mesmo sendo questionada e as vezes vigorosamente atacada a força, mesmo diante da concorrência e da disputa pela audiência e espaço o dinamismo de sua atuação forçam a assimilação de seus valores e idéias que paulatinamente vão plasmando no imaginário social das

massas uma visão de mundo altamente favorável aos interesses dos centros de poder.

Considerando que o alcance da mídia não é somente em âmbito local e regional mas se estende globalmente, sua influência cria uma cultura mundial, global, produzindo novas configurações políticas, econômicas e sociais, simplesmente ignorando as singularidades dos diferentes povos e nações nos quais interfere. Este cenário se apresenta com tal perplexidade que segundo Marshall MacLuhan (apud IANNI, 1999, p. 94):

No próximo século, a terra terá a sua consciência coletiva elevada da superfície da terra para uma densa sinfonia eletrônica, em que todas as nações – se continuarem a existir como entidades separadas – viverão um feixe de sinestesia espontânea. (...) Mais e mais pessoas entrarão no mercado de informações, perderão suas identidades privadas nesse processo, mas irão emergir com capacidade para interagir com qualquer pessoa na face do globo. Referendos eletrônicos massivos e espontâneos atravessarão continentes. O conceito de nacionalismo declinará e também os governos regionais cairão, como consequência política da criação de um governo mundial por satélite artificial. O satélite será usado como o mais importante instrumento mundial de propaganda na guerra pelos corações e mentes dos seres humanos.

Nesta lógica a mídia pode ser vista como elemento integrador, instância articuladora, intelectual orgânico que age como mediador e agenciador de forças e estruturas econômicas e políticas que vão tecendo no mundo as novas configurações da geopolítica de acordo com a nova ordem econômica mundial.

Outro aspecto fundamental a ser considerado na globalização é formação dos mega-conglomerados de mídia que vão se estruturando a partir das fusões de grandes empresas e aumentam exponencialmente seus recursos, suas capacidades de inovação e atuação em diferentes países simultaneamente e, em diferentes modalidades de atuação, abrangendo, cinema, televisão aberta e por assinatura, telecomunicações, imprensa, rádio e internet.

Para MORAES (1999, p. 12), a formação de blocos empresariais monopolistas no campo das mídias representam a força de um poder único de atuação na América Latina onde:

Os conglomerados multimídias assemelham-se a arquipélagos transcontinentais, cujos parâmetros são a produtividade, a lucratividade e a racionalidade gerencial. Operam como verdadeiros centros globais de poder, com diagnósticos e prioridades decorrentes de visões geoeconômicas peculiares, não mais sintonizadas com cartografias convencionais.

Na raiz deste processo se encontram a debilidade dos poderes públicos reféns dos capitais financeiros e da falta de fiscalização e controle social. As modificações advindas das políticas neoliberais e também a acumulação de capitais contribuíram para a consolidação deste cenário.

4.2 – Mídia e controle social

A capacidade de atuação das grandes corporações de mídia se estende mundialmente exercem um verdadeiro controle das comunicações humanas uma vez que as gigantescas estruturas de mídia, aliado ao controle dos tecnólogos, cada vez mais especializados em novos sistemas de controle e rastreamento de informações, juntamente com centros de triagem dos grandes provedores tendem a se tornarem verdadeiros vigilantes pois segundo RIFKIN (2000, p. 16) “*determinam as condições e os termos pelos quais um bilhão de pessoas podem se comunicar entre si. É uma nova forma de monopólio comercial global, exercido sobre as experiências vitais de uma ampla porcentagem da população mundial*”

Uma das grandes falácias dos meios de comunicação de massa é propagarem a idéia de que só transmitem os fatos reais e nada mais. Na verdade o próprio fato da edição de imagens escolha de um roteiro já demonstra uma intencionalidade em tratar politicamente um fato social antes desse ser exibido. A atuação da mídia exclui os autores envolvidos em determinado fenômeno de participarem do questionamento, fazendo valer seu direito de cidadãos e menosprezando sua capacidade de interlocutores comunicacionais.

As características da globalização no que se refere à sua relação com o universo das novas tecnologias é a formação dos grandes conglomerados como

forma de organizar a difusão da informação em escala mundial. Outra característica marcante é que tanto as redes de informações, os satélites, os novos produtos da microeletrônica, a digitalização, tem um profundo impacto social e cultural que em termos conjunturais são difíceis de prognosticar em toda a sua magnitude. Cabe ainda pontuar que no universo de produtos oferecidos, as diferenças entre as possibilidades de acesso das pessoas, provocarão grave desequilíbrio ao acesso às redes globais de informação. (VILCHES, 2001)

Sobre o controle social exercido pelos meios de comunicação reproduzimos uma parte da entrevista realizada com Schiller (apud VILCHES, 1997, p. 80-82) quando analisa as relações entre imperialismo e a globalização das novas tecnologias de informação:

Pergunta: Entre os fatores de desigualdade em matéria de informação, estão as comunicações internacionais por satélite, submetidas ao controle dos Estados Unidos. Que repercussões tem esse domínio tecnológico do mundo no campo da soberania nacional e da identidade cultural?

Schiller: A maior parte do controle da comunicação está ligada a um número reduzido de grandes corporações que produzem satélites e equipamentos e que recebem todos os benefícios dos contratos pela tecnologia. O preço para utilizar o sistema de satélites só está ao alcance das grandes companhias dominadas pelos interesses do capital internacional, e portanto não pode ser um sistema democrático que permita a participação de grandes setores da opinião pública. Poder-se-ia pensar em formulas para modificar esse sistema, mas tal como está hoje, é impossível. A evolução do sistema de satélites era inevitável que condicionasse o contexto da dominação do espaço, o controle das economias e da informação pelo controle das consciências. Trata-se de uma aliança entre a indústria das novas tecnologias de comunicação e o Estado, um monopólio tecnológico e econômico que não hesitara em unificar as mensagens de tal modo a configurar a modelar a consciência individual no sentido de que certos valores se convertam nos valores mais importantes. Essa tem sido a missão do capitalismo mundial desde 1920, e encontra sua tradução atual no conceito de comunicação total, segundo o qual todos os elementos se destinam a penetrar a mente humana, registrar e controlar os recursos naturais, os sistemas de autodefesa das nações, etc.

Pergunta: Não acha que, por trás da estratégia de 'opulência informativa' (quantidade de informação = liberdade de informação), existe uma teoria da manipulação da forma e do conteúdo?

Schiller: Quando falamos de forma, há que se pensar no que esta determina, quais são as forças sociais que determinam uma forma, e depois de que maneira esta forma determina o conteúdo. Ambos os conceitos estão continuamente relacionados, e a forma em si emerge do imperativo social. O imperialismo entendeu que não se trata de dizer: a forma está aqui e o conteúdo lá. A forma, com frequência, afeta o conteúdo, mas a forma como tal está determinada por condicionamentos sociais e econômicos. A forma é também o resultado da luta de classes.

Nesta perspectiva as novas tecnologias de informação, comunicação e produção de conhecimentos se tornam recursos fundamentais na articulação das forças de poder se tornam a linguagem e a ferramenta principal do poder econômico, político e militar na manutenção da hegemonia dominante.

Cabe ainda ressaltar que a racionalidade operada pelas novas tecnologias de mídia e comunicação traz em seu bojo mecanismos de controle que perpassam as mais diversas atividades humanas, seja a simples conversa e, meios eletrônicos, ou info-telecomunicacionais como também as redes virtuais de interação. (HALIMI, 1998)

As novas tecnologias trazem no seu bojo um claro apelo ideológico. As promessas de realização, felicidade e satisfação propostas pelas novas tecnologias de informação exercem uma poderosa influência no campo dos valores e dos comportamentos humanos. Mas a questão crucial é saber se neste processo as pessoas terão um papel preponderante e ativo enquanto sujeitos pensantes e produtivos, ou se tornaram meros espectadores passivos, mediadores dos novos produtos. O que caracterizaria uma individualidade virtual, inteiramente submetida a um processo alienante onde as novas tecnologias vem antes das pessoas.

Abordar a questão do trabalho humano, no contexto da globalização e das novas tecnologias de mídia e informação é fundamental para compreender o controle exercido não somente em nível subjetivo, mas também na dimensão da objetividade dos processos de produção, uma vez que estas novas tecnologias

afetam drasticamente os processos produtivos, e os significados simbólicos do fazer humano, enquanto ser social, histórico e cultural (MATTELART, 2001)

Se vista no seu viés econômico a globalização, possui conseqüências muito negativas, afetando o bem estar das pessoas e estabilidade social das sociedades. O crescente aumento do desemprego é uma das mais graves. Como equacionar o avanço tecnológico, a robotização, a telemática e o desaparecimento de milhares de postos de trabalho? As empresas se justificam, afirmando que no contexto das relações econômicas globais, as racionalizações da gestão das inovações tecnológicas, são indispensáveis a sua sobrevivência e à competitividade do mercado. Esta tendência, segundo as empresas não representa um perigo ao trabalho humano, pois o crescente incremento da produtividade faz surgir novos postos de trabalhos no setor terciário da economia e na prestação de serviços.

Porém este otimismo no meio empresarial é bastante contestado, face ao fato de as novas tecnologias se desenvolvem unicamente a partir da lógica do capital e não se preocupa em estender seus benefícios à maioria da população. Nesta perspectiva VICHES (1997, p. 86) considera que

O conjunto das tecnologias que tem sua base na informática pode definir-se como uma metatecnologia que interage com a estrutura industrial e comercial. Esta interação constitui um sistema de valores que estimulam novas experiências entre as pessoas e a realidade: a abstração das relações produtivas. A eficácia da gestão e o aumento da produtividade como valores únicos da estrutura econômica não necessitam saber se tais valores são produzidos pela máquina ou pela pessoa. No universo semântico da nova economia seria uma pergunta simplesmente não pertinente.

Quando Marx analisou as relações de trabalho no capitalismo industrial, principalmente através do seu conceito de alienação, demonstrou que o valor agregado ao resultado do trabalho humano, não é era uma pura derivação da

máquina, mas sim consequência do custo mínimo da mão de obra empregada na confecção de um produto, e este vai aumentando seu valor no mercado. O resultado desta diferença - lucro - é apropriado pelo capitalista. De maneira que a pobreza dos trabalhadores originava-se do fato de que o processo produtivo capitalista considera o trabalhador como mera engrenagem, onde sua remuneração tem a única função de mantê-lo vivo enquanto necessário ao processo produtivo. (MARX, 1980)

4.3 – O Príncipe Eletrônico

O fazer político humano, visto como teoria e prática pode ser analisado e mesmo classificado segundo suas tendências, modelos e agentes. E um dos principais modelos presentes na história da política é a figura curiosa emblemática do *príncipe*. Em diferentes épocas e contextos, podendo ser homem ou mulher, em regimes monárquicos, democráticos e tirânicos, em tempos de paz e guerra, a figura do *príncipe* pode ser identificada, pelo seu modo de ser e de agir, representando por líderes políticos, religiosos. Intelectuais, vindos do campo público ou privado encarnam a figura e as qualidades do príncipe.

Quando Maquiavel, sistematizou pela primeira vez os contornos do *príncipe* no século XVI, acabou por inaugurar a ciência política moderna. Tomando a política não mais como discurso ideal, mas como prática real e humana. (NAMER, 1979).

As idéias de Maquiavel por mais distantes que possam parecer, ainda continuam a ser estudados, como ponto de referência por vários autores. Conceitos como *virtú* e *fortuna*, continuam sendo importantes para desvelar como se constituem e se mantém e principalmente como se transformam as condições políticas e sociais, no contexto dos jogos de poder. (NAMER, 1979).

Para IANNI (2000, p. 142) o que esta em causa quando se busca compreender o pensamento político de Maquiavel e o sua descrição do príncipe

São as figuras e figurações possíveis e impossíveis do príncipe como, dirigente, governante, tirano, presidente, monarca e patriarca. Na medida em que se realiza como príncipe, este se mostra preparado para pensar e decidir, negociar e dirigir, administrar e agir, conciliar e dividir, premiar e punir, constituindo-se simultaneamente como símbolo ou emblema, para uns e outros, indivíduos e coletividades, população e povo, setores sociais e sociedade, nacionais e estrangeiros

Quando Gramsci, séculos depois formula sua teoria do *Moderno Príncipe*, e o identifica não mais como um indivíduo, mas sim organismo, uma entidade, o partido político. Pois segundo ele, é no partido que se integram os diferentes anseios e desejos da coletividade. O partido político torna-se assim, o interprete e o condutor da vontade coletiva, unificando-a em torno de uma proposta ideológica e hegemônica. Neste sentido a ação do príncipe a de um agente organizador e catalisador de forças. Capaz de articular suas forças, interna e externamente dentro do jogo político em que esta inserido (COUTINHO, 1999)

As concepções sobre o príncipe de Maquiavel e posteriormente a sua reconfiguração em Gramsci, apresentam modelos de agentes políticos, que tanto no passado como no presente fazem parte do cenário dos jogos de poder e atuam diretamente na organização, consolidação e desenvolvimento de novas conjunturas geopolíticas.

Pode-se questionar se é possível encontrar ressonâncias no contexto socio-político atual do príncipe de Maquiavel ou das configurações propostas por Gramsci." *É inegável que os dois tipos ideais ou arquétipos apanham aspectos fundamentais da política como teoria e prática. Respondem a diferentes desafios históricos-sociais, próprios de cada época"* (IANNI, op.cit. p. 142)

No entanto, no contexto da globalização, os modelos propostos por Maquiavel e Gramsci precisam ser revistos e atualizados conforme as novas

configurações geopolíticas atuais. Os jogos políticos e novos centros de poder, as novas organizações da sociedade civil e principalmente a revolução da informática, fazem surgir um novo mundo, uma aldeia global interconectada.

Segundo IANNI (2000, p. 143),

As tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas impregnam crescente e generalizadamente todas as esferas da sociedade nacional e mundial; e de modo particularmente acentuado as estruturas de poder, as tecnoestruturas, os think-tanks, os lobbies, as organizações multilaterais e as corporações da mídia. Esse pode ser o clima em que se forma, impõe e sobrepõe O príncipe eletrônico, sem o qual seria difícil compreender a teoria e a prática da política na época da globalização.

Não se trata somente daquela visão da mídia como o "quarto poder" , mas como um conjunto de estruturas de alcance intenso e generalizado, que perpassa as mais diferentes realidades humanas, recolocando valores e sobrepondo significados ao universo cultural dos indivíduos

Compreender os novos contextos sociais , políticos, econômicos e culturais onde as nova configurações do príncipe se fazem presente é fundamental para situar o seu campo de atuação, seu alcance e seus desdobramentos. Conforme pontua IANNI (2000, p. 144)

Na época da globalização, modificam-se mais ou menos radicalmente as condições sob as quais se desenvolve a teoria e a prática da política. Em primeiro lugar, a globalização do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório, propicia o desenvolvimento de relações, processos e estruturas de dominação política e apropriação econômica de alcance mundial. Alteram-se as formas de sociabilidade e os jogos das forças sociais, no âmbito de uma vasta, complexa e contraditória sociedade civil mundial em formação. Isto significa a emergência e dinâmica de grupos sociais, classes sociais, estruturas de poder, acomodações, tensões e lutas em escala mundial. Em segundo lugar, no bojo desse mesmo processo de globalização político-econômico e sociocultural, desenvolvem-se tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas que agilizam, intensificam e generalizam as articulações, as integrações, as tensões, os antagonismos, as fragmentações e as mudanças socioculturais (...) Em terceiro lugar, e simultaneamente a todos os desenvolvimentos, nexos, contradições e transformações em curso, desenvolve-se uma nova configuração histórico-social de vida, trabalho e cultura, desenhando uma totalidade geohistórica de alcance global, compreendendo indivíduos e coletividades, povos, nações e nacionalidades, culturas e civilizações. Esse é o novo e imenso palco da história, no qual se

alteram mais ou menos radicalmente os quadros sociais e mentais de referencia de uns e outros, em todo o mundo.

O quadro de referencias práticas e teóricas no qual se desenvolvem as novas relações políticas mundiais e também representam um novo panorama geopolítico que desafia as instituições clássicas e modernas a se adaptarem e se remodelarem, criando e recriando seus quadros de práticas e valores. Diante das novas exigências as concepções do príncipe de Maquiavel e Gramsci, dão lugar ao surgimento do *príncipe eletrônico*, instancia articuladora que simultaneamente é capaz de agenciar e subordinar as diferentes forças que atuam nos jogos de poder presente nas relações sociais da era global.

As contribuições de Maquiavel são inegáveis no campo da reflexão política, suas análises são preciosas para os tempos atuais, revelando uma faceta bem conhecida das organizações totalitárias que é colocar o predomínio do conhecimento político sobre os demais gêneros de conhecimento. Apresentando o príncipe como detentor de um conhecimento profundo e racional da sociedade e dos conflitos políticos e ideológicos que nela se originam enquanto que os demais agentes sociais, conhecem apenas alguns enfoques destas situações. É precisamente este conhecimento privilegiado, pormenorizado de que dispõe o príncipe que o torna capaz de monopolizar o poder, onde conforme NAMER (1979, p. 10) " *O Príncipe dissimula sua ciência política sob o véu das ideologias em conflito: por sua técnica, a ideologia dominante não é mais do que a ideologia das classes dominantes*".

Segundo Gramsci, o *moderno príncipe* não pode ser visto como uma pessoa, ou figura política de líder personalista, mas sim como organismo vivo, como instancia capaz de agenciar a vontade coletiva em seus projetos de transformação. Nas sociedades complexas cabe a este organismo o desempenho das funções que Maquiavel ainda atribuía a uma pessoa singular. Na concepção Gramsciana este organismo não precisa ser inventado, ele já existe, é o partido político, (COUTINHO, 1999).

O partido político representa a força catalisadora das inquietações sociais e utiliza as capacidades de seus líderes e seguidores para organizar uma ideologia alternativa capaz de alavancar um processo de mudança de gestão do poder e garantir a manutenção deste. No entanto cabe ressaltar que este processo só será realmente viável se a construção da hegemonia alternativa responder não somente aos projetos de classes dominadas mas sonhos e anseios de outros sociais que integram a sociedade e esperam por mudanças. (COUTINHO, 1999)

O *Príncipe eletrônico* , é bem diferente das concepções personalistas e partidárias, e seu campo de atuação vai muito além do que pontua as formulações clássicas da política. Conforme propõe IANNI (2000, p. 148)

O “príncipe eletrônico” é uma entidade nebulosa e ativa, presente e invisível, predominante e ubíqua, permeando continuamente todos os níveis da sociedade, em âmbito local, nacional, regional e mundial. É o intelectual coletivo e orgânico das estruturas e blocos de poder presentes, predominantes e atuantes em escala nacional, regional e mundial, sempre em conformidade com os diferentes contextos socioculturais e político-econômicos desenhados no novo mapa do mundo.

No contexto das conjunturas globais, o príncipe eletrônico não representa uma entidade monolítica, coesa em seus princípios e seus diferentes ramos de atuação. Tanto em âmbito nacional e mundial ele sofre diversas influências decorrentes das leis de mercado e concorrência. Além deste aspectos intrínsecos ao processo da globalização existem também os fatos, e acontecimentos que causam drásticas mudanças no cenário político e social que afetam diretamente as relações de poder.

A atuação de intelectuais, líderes e organizações sociais, bem como a atuação de movimentos populares de caráter reivindicatório, acabam tendo papel importante no equacionamento, e balanceamento dos interesses que se manifestam em sociedade. Porém como defende IANNI (op.cit. p. 150) "*o príncipe eletrônico expressa principalmente a visão do mundo prevalecente nos blocos de poder predominantes, em escala nacional, regional e mundial, habitualmente articulados*"

Enzensberger (apud IANNI, op.cit. p. 155) coloca que

Todo indivíduo, mesmo o que desfruta menor autonomia, acredita-se soberano nos domínios da sua consciência ... A consciência foi, desde o principio, produto da sociedade e continuará a sê-lo enquanto existam homens, segundo Marx... A indústria da manipulação das consciências é uma criação dos últimos cem anos. Seu desenvolvimento tem sido tão rápido e tão diversificado que sua existência permanece ainda hoje incompreendida e quase incompreensível... Enquanto se discute com paixão e detalhadamente acerca dos novos meios técnicos - rádio, cinema, televisão, disco, CD, fax, Internet e outros; enquanto se estuda o poder da propaganda, de publicidade e das relações públicas, a indústria da manipulação das consciências continua sem ser considerada em seu conjunto, como um todo ... A indústria da manipulação das consciências nos vai constranger, em futuro muito próximo, a que a consideramos uma potência radicalmente nova, em crescente desenvolvimento, impossível de ser medida com base nos parâmetros disponíveis. Estamos ante a indústria chave do século XX.

As novas tecnologias de mídia e informação representam um poderoso instrumento do capitalismo mundial. Principalmente quando atuam na produção de subjetividade, influenciando os sonhos e desejos, as buscas e os projetos das pessoas que via de regra buscam realiza-los em conformidade com os valores do status quo.

4. 3 .1 - Controle e manipulação

Neste contexto, marcado pela atuação das novas tecnologias a televisão se destaca como um eficiente instrumento de divulgação de idéias e valores. Seu campo de atuação é vasto e abrangente, atingindo indivíduos, famílias e coletividades, em âmbito regional, nacional e mundial. A influencia da televisão é tão grande que muitos fatos e notícias só adquirem estatus de verdade quando por ela são mediados. A televisão representa um conjunto de recursos múltiplos de comunicação e informação que atingem diretamente a vida das pessoas. Sua atuação se dirige ao campo das relações sociais interpretando, selecionando, enfatizando e relacionando os fatos que direta ou indiretamente formam a opinião pública e marcam o imaginário social dos indivíduos.

Conforme pontua Gurevitch (apud IANNI, 2000, p. 150)

O predomínio dos papéis e do poder da televisão pode ser observado desde sua emergência, na era da comunicação global, como um importante ativo nos eventos que ela empenhadamente cobre. A televisão não pode ser considerada mais como uma mera observadora e repórter de eventos. Está intrinsecamente encadeada com estes eventos e tem se tornado claramente parte integral da realidade que noticia... As relações de imprensa, rádio e televisão com o sistema político são governadas, em cada país, pela natureza do sistema político e das normas que caracterizam sua cultura política. A estrutura sociopolítica e econômica das diferentes sociedades também determinam a estrutura interna de seus sistemas de mídia, os métodos de financiamento deste e, conseqüentemente das relações intersistêmicas das diferentes organizações de mídia.

A atuação da mídia eletrônica e impressa esta intimamente relacionada à defesa e a promoção dos valores dominantes. Porém sua atuação não se direciona somente no campo dos embates ideológicos, mas fundamentalmente nas relações comerciais de marketing. As inquietações sociais, os conflitos sociopolíticos o jogo de forças presentes nas relações humanas, são também direcionadas que se traduzem na formação da opinião pública, promovem ações políticas, agindo de uma tal forma e zelando pela ordem vigente que atam como *novos cães de guarda* (HALIMI, 1998)

O quadro representa bem o contexto onde atuam e se fazem presente as grandes corporações transacionais. Os interesses, assim como as possibilidades de atuação são muitos e diversificados, novas mercadorias o consumo de publicidade, a expansão dos mercados, o crescente consumo virtual, tornam a atuação das grandes corporações freqüentemente decisivos nos processos de criação e expansão das novas tecnologias de informação de comunicação. As redes de relações entre as diferentes corporações que atuam no mercado e nas sociedades são muito complexas e as articulações corporativas envolvendo grandes interesses tornam rico e complexo o universo de atuação do *príncipe eletrônico*.

A gestão dos novos conhecimentos acerca do poder de atuação e convencimento da mídia é largamente utilizado pelas grandes empresas na defesa de seus interesses e ampliação dos seus mercados. Vejamos uma parte da fala do presidente da Nestlé Rafael D. Pagan Jr. (apud IANNI, 2000, p.160)

A luta na qual estamos engajados é de natureza política e em âmbito político, mas ainda não está claro se o futuro será a liberdade econômica, social, individual e política... O sucesso na política não é mágico. Nossos inimigos não são mais inteligentes do que nós e não são super-homens . Se formularmos uma interpretação política , deveríamos eleger alguns objetivos... Sinto que é essencial que as firmas multinacionais que estão sendo criticadas criem um grupo organizado de profissionais talentosos e experientes. Assim, quando necessário, consultores especiais, alheios às relações públicas cotidianas da firma, podem concentrar seus esforços em questões políticas enfrentadas pelas multinacionais. Na busca de uma receptividade pública e na eliminação da atitude crítica, as firmas multinacionais têm uma arma valiosa a seu dispor: a publicidade e a movimentação de pessoal em campo... Precisamos reativar nossas tradicionais associações profissionais, ou olhar além delas, por novos aliados, em associações de camponeses, trabalhadores e proprietários de pequenos negócios, muitos dos quais têm sido suspeitosos do capitalismo multinacional com boas razões. Precisamos afirmar o interesse comum de todas as instituições que criam riqueza: grandes e pequenas, privadas e governamentais, nacionais e multinacionais. Em síntese, precisamos afirmar o pluralismo e a diversidade da condição humana, um exemplo que é dado pela democracia tanto quanto pelo livre mercado de mercadorias e idéias. O capitalismo multinacional nunca deve aparecer como um rival dominador, relativamente aos interesses locais, nacionais ou tribais.

A capacidade singular e suigeneris das grandes corporações de mídia são transformar, fatos sociais em fatos políticos, manipulando as pessoas, criando e recriando novas referências de comportamentos e valores culturais , explorando cada vento de acordo com seus potenciais comerciais e ideológicos e imprimindo-lhes um novo significado do ponto de vista dos valores dominantes.

Sua influência e seu poder sobre o imaginário social é tão marcante que Segundo IANNI (2000, p. 152) ela realiza limpidamente a "*metamorfose da mercadoria em ideologia, do mercado em democracia, do consumismo em cidadania (...)* realizando a indústria cultural, combinando a produção e a reprodução cultural com a produção e a reprodução do capital; e operando decisivamente na formação de mentes e corações em escala global ".

A sociedade atual se apresenta de maneira complexa, principalmente com a consolidação da globalização são muitas as mudanças que criam

inseguranças sociais e econômicas. As pessoas buscam se situar no mundo e para isso buscam informações para orientarem suas vidas numa sociedade em constante processo de mudança. Paralelamente às informações, as pessoas buscam também o entretenimento e lazer. As empresas de mídia sabem disso, e buscam atender as necessidades, informando a população, porém neste processo as informações são filtradas e direcionadas conforme o crivo ideológico e político da empresa e dos interesses que ela representa. Não só as informações mas também os programas de entretenimento seguem na mesma linha, reproduzindo de maneira sofisticada e com recursos das novas tecnologias a mesma condição do *pão e circo* na Roma antiga. Entretenimento alienado, é parte essencial da estratégia dos *mass media* para garantir que as massas populares permaneçam dominadas, aprisionadas no sistema que as mantém. (MELO, 1998)

4.3.2 - Democracia eletrônica

No âmbito das relações internacionais, mediadas pelas novas tecnologias surge o que se pode chamar de democracia eletrônica, que se caracteriza principalmente pelo acesso ilimitado de informações, e pela pulverização de novos conhecimentos, em redes de informações. Tal conjuntura rompe com as barreiras entre o público e privado, o coletivo e particular e lança em vigência novas linguagens, novos significados.

É neste contexto que assuntos políticos e econômicos são de batidos em programas televisivos paralelamente com outros assuntos sem qualquer relação aparente. Todos colocados no mesmo nível, projetos, propostas, idéias, valores, questões sociais, escândalos envolvendo personalidades são apresentados nos mesmos moldes e com os mesmos recursos que se utilizam em programas de entretenimento.

Para IANNI (2000, p. 153)

São programas multimídia, coloridos, sonoros, recheados de surpresas, movimentados, combinando assuntos diversos e díspares, alternando locução,

diálogo, depoimento, comportamento, auto-ajuda, conjuntos musicais, cantores etc. Esse é o clima no qual a política tem sido levada a inserir-se, como espetáculo semelhante a espetáculo dentro do espetáculo. Modificam-se signos e significados, figuras e figurações, de tal maneira que ocorre a dissolução da política na cultura eletrônica de massa, na qual se dissolvem ou se deslocam territórios e fronteiras envolvendo os espaços público e privado, o consumismo e a cidadania, a corrente de opinião pública e o comportamento de auto-ajuda, a realidade e a virtualidade

No mundo contemporâneo, onde as relações virtuais são parte integrante do universo relacional das pessoas, os processos de controle e manipulação envolvendo as novas tecnologias alteram também os referenciais existenciais dos indivíduos, reduzindo-os a meros espectadores dos acontecimentos e comprometendo o exercício efetivo de sua cidadania. Por meio do *príncipe eletrônico* as pessoas reais, com suas histórias e conflitos são considerados apenas em sua dimensão virtual, atenuando ou simplesmente desconsiderando as identidades, alteridades e contradições presentes na identidade histórica de cada pessoa. Neste universo tudo pode se tornar criado e recriado, acentuando, configurando e transfigurando as realidades, as pessoas, os fatos os conflitos e os contrastes da vida humana.

As novas tecnologias de mídia e informação, consideradas em si mesmas, e abstraídas de suas relações e articulações com os centros de poder, não representam propriamente uma ideologia, ou classes dominantes. No entanto é impraticável imaginar imparcialidade e neutralidade nas relações entre os *mass media* e a sociedade em que estes estão inseridos. Quando colocados em contato com jogos de forças que atuam no mundo e suas estruturas, os *mass media*, passam a atuar decisivamente como técnicas sociais, instituições gestoras que modificam e bloqueiam relações, processos e estruturas sociais, em escala nacional e global. Dentro deste contexto o príncipe eletrônico ganha presença e força, atuando como agente organizador, no funcionamento e nos processos de mudança das organizações e nas formas de sociabilidade e dos jogos das forças sociais.

Segundo Mannheim, (apud, IANNI, 2000, p. 156)

As práticas e as agências que tem como objetivo principal modelar o comportamento humano e as relações sociais, eu as descrevo como técnicas sociais. Sem elas e as revelações e as invenções tecnológicas que as acompanham, as vastas e radicais mudanças do mundo contemporâneo jamais teriam sido possíveis.

O poder das novas tecnologias entendidas como técnicas sociais desenvolvem um poderoso processo ideológico, as informações, as propagandas, as interpretações, os significados que se constroem sobre os fatos. Articulam-se discursos em defesa do desenvolvimento, da democracia, da ecologia e até da tirania. No entanto em todos os casos e situações estão presentes ou implicadas indiretamente a ação das novas tecnologias de mídia informação e comunicação que agem de maneira sistêmica, atuando como eficientes técnicas sociais, uma vez que estão inseridas no jogo das forças sociais, onde não há espaço para imparcialidades, (GARCIA, 1986).

Ao se colocar a questão do uso e aplicação dos meios de comunicação social, torna-se claro a necessidade de pontuar em que medida tanto as empresas, grupos sociais organizados, entidades e coletividades podem ser manipulados, e instrumentalizados, as vezes satanizados ou simplesmente marginalizados pelos meios de comunicação social . Considerando que as novas tecnologias, assim como os meios de comunicação social compreendem empresas, grandes corporações com investimentos e contratos, buscam capitalizar lucros e recursos, estabelecendo parecerias e articulando seus interesses com grupos e centros de poder dominantes, atuando em escalas, nacionais e mundiais.

Para Swabey (apud, IANNI, 2000, p. 158)

A democracia está entrando em uma nova fase, mas com uma diferença. Em lugar do antigo grupo local, no qual predominava os contatos face a fece, forma-se uma nova coletividade nacional e mesmo mundial, comunicando-se por meio de imagens e sons desincorporados. Imagens flutuantes produzidas por máquinas estão deslocando a riqueza dos contatos imediatos. O estranho é que a corrente da

comunicação se organiza principalmente em direção única. O ouvinte, ou espectador, não tem escolha, a não ser manter-se passivo. Não há o dar-e-receber, nenhuma oportunidade de discussão com voz do rádio ou silhueta na tela. A despeito das facilidades sem precedentes para a comunicação, os membros da nova coletividade parecem paradoxalmente condenados à passividade, ao anonimato e ao isolamento, maiores do que nunca, sem precedentes.

As configurações do príncipe eletrônico, surgidas no contexto da revolução da informática, representam um conjunto de forças atuantes sem precedentes na história das instituições humanas. Seu poder e sua influência perpassam todos os meandros da realidade humana, sindicatos, associações, empresas e governos recebem conforme suas características institucionais e culturais os efeitos do seu poder de subordinação e condicionamento.

4.4 – A Indústria cultural e as novas configurações do príncipe como agente ideológico

A sociedade atual, marcadamente capitalista, consumista e hedonista é consequência da cultura da modernidade, a qual se baseia nos os princípios da burguesia, como liberdade, igualdade e fraternidade os constituem a base do seu discurso ideológico. Desde a crise do sistema feudal a burguesia viu no mercado e na busca da acumulação de riquezas a possibilidade de alcançar o poder o poder e se consolidar enquanto classe dirigente (CHAUÍ, 1997)

Diante da possibilidade real de conquista do poder o que aconteceu de fato após os desdobramentos da Revolução Francesa, a burguesia se estabelece como classe dominante, operando uma transformação na dinâmica do processo de desenvolvimento da sociedade na qual os princípios que outrora foram defendidos de maneira universal agora tornam-se princípios que se aplicam efetivamente às classes dirigentes, e a anunciada igualdade dos cidadãos acaba sendo substituída por uma desigualdade entre proprietários e trabalhadores; a liberdade de participação política, transforma-se em dominação pela força dos

centros de poder; e na medida em que as relações sociais são cada vez mais afetadas pela lógica do novo sistema imperante, vai se configurando entre os indivíduos um estado de guerra de todos contra todos, desmascarando o mito da fraternidade entre os homens. (CHAUÍ, 1997)

Assim o princípio liberal presente na modernidade e que motiva a sociedade burguesa-capitalista tende a dissolver-se e passa a ser um princípio abstrato de liberdade influenciando as relações sociais e criando uma sociedade de liberdades econômicas baseadas no poder econômico e na exploração do trabalho humano.

Diante deste contexto, é preciso compreender que as relações complexas da sociedade contemporânea, marcada principalmente pela consolidação da globalização e pela revolução da informática, os princípios do liberalismo burguês se fazem presentes e atuantes de maneiras ainda mais diversas e formas determinantes, colocando os meios de comunicação de massa assim como as novas tecnologias de mídia, como instrumentos que exercem uma crescente influência no desenvolvimento cultural, social e econômico das sociedades.

Pontuar os mecanismos pelos quais esta influência se processa nas relações sociais é crucial para compreender o desenvolvimento ou subdesenvolvimento, ou mesmo a completa estagnação de países do terceiro mundo. Cumpre estabelecer as interfaces existentes entre as novas tecnologias de mídia, os meios de comunicação social e as estruturas e centros de poder que interferem diretamente sobre a vida das pessoas.

Desta forma o princípio liberal presente na modernidade e que motiva a sociedade burguesa-capitalista tende a dissolver-se e passa a ser um princípio abstrato de liberdade influenciando as relações sociais e criando uma sociedade de liberdades econômicas baseadas no poder econômico e na exploração do trabalho humano.

Diante deste contexto, é preciso compreender que as relações complexas da sociedade contemporânea, marcada principalmente pela consolidação da globalização e pela revolução da informática, os princípios do liberalismo burguês se fazem presentes e atuantes de maneiras ainda mais diversas e formas determinantes, colocando os meios de comunicação de massa assim como as novas tecnologias de mídia, como instrumentos que exercem uma crescente influência no desenvolvimento cultural, social e econômico das sociedades.

Nas relações complexas da sociedade contemporânea, marcadas principalmente pela consolidação da globalização e pela revolução da informática, os meios de comunicação de massa assim como as novas tecnologias de mídia, exercem uma crescente influencia no desenvolvimento cultural, social e econômico das sociedades.

A ordem existente na sociedade das novas tecnologias, tem na técnica e nos meios de comunicação social sua principal força de atuação. Adorno e Horkheimer em seu livro a *Dialética do Esclarecimento*, propõe o conceito de industria cultural para classificar este modelo de sociedade, apontando suas principais contradições, desvelando a atuação dos mecanismos de controle e manipulação presentes na sociedade.

De modo geral toda sociedade participa da industria cultural, pois os indivíduos vêm na técnica entendida como o conjunto das novas tecnologias de mídia e conhecimento o processo de reprodução que garantem que as necessidades criadas pelas mesmos agentes das novas tecnologias sejam satisfeitas em diferentes lugares e em distintas condições através de bens e mercadorias estandardizadas que são oferecidos indistintamente a diferentes segmentos da sociedade. O que chama a atenção de Adorno e Horkheimer é que estas categorizações dos bens e mercadorias, isso é, a sua estandarização, padronização, têm que ser satisfatórios, convincentes e atrativos, o que ocorre por

meio da técnica de reprodução que manipula milhares de pessoas, fazendo-as participar da indústria cultural sem contestar de nenhum modo o que lhes é oferecido. (ADORNNO e HORKHEIMER, 1985)

Os agentes da indústria cultural consideram isto muito natural , uma vez que buscam nada mais do que satisfazer as necessidades das pessoas. No entanto a realidade se verifica bem diferente, tratando-se de uma estratégia de manipulação e criação de necessidades que são retroalimentadas e que acabam reforçando os padrões de comportamento, dando ainda maior coesão ao sistema e a ordem vigente. Porém, conforme Adorno e Horkheimer (1985, p. 114) "*o que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade*".

As produções culturais, como filmes, programas radiofônicos, as revistas ilustram refletem a mesma racionalidade técnica, a mesma lógica organizacional de planejamento e gestão, perpassa tanto as manifestações da *indústria cultural* como a produção dos automóveis em série, quanto ao urbanismo das cidades e bairros . Para cada grupo ou indivíduo foi previsto algo, de forma que ninguém consiga escapar do sistema (ADORNO e HORKHEIMER, 1985)

Os diversos segmentos da produção são uniformizados , tendo seus processos padronizados uns com os outros. A sociedade contemporânea confere a tudo um ar de semelhança e mimetismo, cabendo a *indústria cultural* criar e oferecer em todos os meios, bens e produtos padronizados para satisfazer às numerosas demandas de necessidades, que são identificadas ,quantificadas e satisfeitas. Nesta lógica obtendo-se uma produção industrial dos bens culturais, que condiciona uma cultura de massa feita a partir de objetos que trazem de maneira bem manifesta a marca da *indústria cultural*. Segundo Mattelart (1999, p. 78):

A indústria cultural fixa de maneira exemplar a derrocada da cultura, sua queda na mercadoria. A transformação do ato cultural em valor suprime sua função crítica e nele se dissolve os traços de uma experiência autêntica. A produção industrial sela a degradação do papel filosófico-existencial da cultura.

Entre as produções da *indústria cultural*, os meios de comunicação social ocupam um lugar de destaque, pois desempenham uma função estratégica de articular as diferentes forças atuantes nos jogos de poder presentes nas sociedades. Enquanto instância de poder, os meios de comunicação possuem um alcance muito extenso, que permeia todas as relações sociais. Neste sentido o papel dos meios de comunicação social, da mídia em geral é o de legitimar a dominação dos centros de poder sobre as classes sociais subalternas, como também por países que deles se utilizam para legitimarem sua prática imperialista sobre outros países. (CHAUÍ, 1987)

Para Guareschi (2001, p. 21)

Os meios de comunicação de massa introduzidos em sociedade, em que a defasagem entre intelectuais sofisticados e os setores menos educados, e freqüentemente analfabetos, era muito maior do que na Europa, tornaram-se os instrumentos do que foi eufemisticamente chamado de modernização. O uso instrumental dos meios de comunicação para implantar valores imperialistas não pode ser posto de lado. Seguindo os ensinamentos e os passos da prática comercial e o livre fluxo de informações, através dos meios de comunicação, poderia e deveria ser um fator de encorajamento de atitudes produtivas, padrões sociais e novos costumes. O Relatório Rokhfeller reconheceu a importância dos meios comunicação tanto em promover mudanças, como em criar descontentamentos sociais.

O alcance e a amplitude da *indústria cultural*, principalmente por meio das novas tecnologias de mídia e informação é tão grande que as transmissões via satélite, os programas informativos e de entretenimento atingem sociedades inteiras, a inversão de notícias, e a substituição de acontecimentos locais por internacionais, assumem um direcionamento ideológico, presente em todo processo de escolha, edição e apresentação, estão presentes os interesses dominantes. Tal conjuntura mostra uma dimensão qualitativa nova e marcante onde o *príncipe eletrônico* se tornou um grande núcleo agenciador e articulador

dos jogos de poder, que assumiu em sua quase totalidade o discurso e os valores dos grandes centros de poder. Principalmente por que a própria mídia se constitui em grandes corporações nacionais e transnacionais que possuem interesses bem definidos e afinados com os demais centros de poder mundiais. (DREIFUSS 1997)

A situação apresentada, evidencia claramente que os grandes centros de poder mundiais tem no *príncipe eletrônico* isto é, nos meios de comunicação social uma instância capaz de substituir a escola e a religião, como aparato de formação ideológica, agindo de maneira eficiente como um conjunto de estímulos reforçadores capazes de garantir a manutenção da dependência e da subserviência aos valores dominantes.

Como forma de impedir que as contradições e os contatos sociais, possam provocar uma tomada de consciência por parte das classes subalternas, o discurso do *príncipe eletrônico*, isto é daqueles que promovem o desenvolvimento da *indústria cultural*, assume o tom revolucionário, apresentando as novas tecnologias como um processo de modernização no qual todos podem participar e se beneficiar, no entanto esta participação este beneficiamento são só aparentes na medida em que este processo é altamente elitista e excludente.

Conforme Guareschi (2001, p. 22)

Este novo fetiche nos apresenta com um pseudo-agente, promovido à função de agente dos novos processos sociais e novos fenômenos, mas que esconde, de uma maneira extremamente ágil e sutil, tanto a identidade de seus manipuladores, como a funcionalidade das idéias e imagens que esses manipuladores espalham e propagam em favor do sistema social que eles patrocina.

Situando as relações sociais no modelo capitalista neoliberal, as atividades produtivas assim como as mercadorias produzidas se tornam bens de consumo, onde o mercado cria sua própria linguagem e estratégias para vincular seus produtos ao público. A própria linguagem torna-se um produto e como atividade de comunicação não escapa à lógica das relações de dominação.

Afim de evitar que os dominados percebam a verdadeira identidade desta comunicação, que é fabricada e controlada por determinados grupos de poder, a comunicação assim como seus processos e agente passam por um processo de fetichização, pois nenhuma atividade ou produto esta isenta de ser submetida a este processo. Neste viés, seres humanos torna-se coisas (força produtiva) e as coisas passam a adquirir contornos de seres vivos, onde o dinheiro *trabalha*, o capital *produz* e, conseqüentemente, as novas tecnologias *agem*.

No entanto a legitimação deste processo necessita de inúmeros fetiches pis conforme Guareschi (2001, p. 18)

O aparecimento desses fetiches está intimamente ligado ao desenvolvimento das forças produtivas . Marx fala do fetichismo dos objetos de consumo e do fetichismo do dinheiro, e os descreve como inerentes ao modo capitalista de produção. Construir um fetiche, significa cristaliza-los em sua essência e coloca-los como objetos intocáveis, isso é abstrai-los das condições reais de sua produção, numa palavra, desistoricizá-los. Assim, os economistas fetichizam quando estabelecem suas teorias a respeito da determinação do valor, partindo da natureza das coisas e dos objetos produzidos em si mesmos.

No conjunto dos fetiches que compõe as relações sociais as novas tecnologias de mídia apresentam-se como entidades autônomas, possuidoras de sua própria identidade, completamente neutras e imparciais, acima dos fatos e acontecimentos que noticiam. Na base deste contexto está presente a *razão instrumental* da qual falava Adorno e Horkheimer , sob à qual as novas tecnologias de mídia, isso é, sob o qual o *príncipe eletrônico* se converte em organismo vivo, dotado de força e consciência que condiciona os demais processos e agentes. Tal distanciamento e autonomia, permitem às classes de poder, mascarar seu papel de detentores monopolistas desse aparato ideológico, e, por conseguinte acaba assumindo em certos momentos a condição de críticos, tendo como alvo, programas vulgares e notícias de cunho imoral, filmes demasiadamente violentos. Agindo assim o *príncipe eletrônico* esconde-se por traz de seu próprio moralismo. (MATTELART, 1999)

No contexto de uma sociedade tecnológica, o *príncipe eletrônico* possui um papel de agente social e por isso deve ser considerado como um fator capaz de imprimir uma dinâmica nas relações sociais, enquanto instância livre e autônoma as novas tecnologias de mídia substituem o conceito de revolução, isso é a evolução das expectativas crescentes, por uma falsa revolução, aquela que alimenta os fetiches e os sonhos de ascensão social das massas.

A ação das novas tecnologias de mídia e informação exercem um papel mistificador, apresentando fatos e acontecimentos sociais, isolados de seu contexto histórico e cultural e abstraindo-os de seus significados existenciais. Agindo assim mistificam a origem e causa dos problemas e situações que apresentam. Nisto está presente o caráter ideológico de sua atuação, (GRACIA, 1986).

A ideologia está presente no cotidiano das pessoas e das organizações, porém não significa que as pessoas em geral tenham consciência esclarecida acerca de sua compreensão do mundo, pois conforme Guareschi, (2001, p. 19)

Dizer isto significa afirmar que a ideologia impregna os hábitos, desejos, reflexos das pessoas; atravessa a vida sem, talvez, nunca se dar conta dos verdadeiros fundamentos dessas representações. É uma situação de existência que as pessoas vivem, como se fosse uma natureza social, e que afeta a todas as relações sociais.

Considerando que no contexto das sociedades capitalistas, as classes dirigentes precisam de várias maneiras legitimar sua dominação e seus privilégios perante as classes subalternizadas é fundamental que a *indústria cultural*, seja utilizada com eficiência no sentido de convencer as pessoas através de diversas maneiras e técnicas, como : filmes, programas de entretenimento, propaganda ideológica e mensagens subliminares. Sobre esta última técnica, existe um importante estudo realizado por Wilson Bryan Key, intitulado a *Era da Manipulação*, que aborda em profundidade como as agências de notícias e

empresas de marketing fazem uso das mensagens subliminares para manipularem as pessoas em nível inconsciente, criando nelas certas predisposições, para comparem esta ou aquela marca ou aceitarem certas idéias e valores.

Contemporaneamente, os meios de propagação da ideologia dominante atingiram níveis de sofisticação sem precedentes na história humana. Nunca, em nenhuma época as novas tecnologias de mídia e informação possuíram um alcance tão grande e um poder tão forte.

Considerando os diferentes contextos e situações e fazendo-se as devidas ressalvas é preciso concordar com a atualidade do pensamento de Marx quando dizia que no capitalismo as idéias dominantes numa sociedade, são as idéias da classe dominante. Diante desta afirmativa cabe pontuar que as ideais dominantes desenvolvem um arcabouço de representações, valores e instituições que tem a função de determinar o que é relevante e verdadeiro numa dada situação histórica. Ainda sobre este aspecto vale repetir uma outra proposição sua, quando analisa que via de regra a classe que detêm o poder econômico de uma sociedade, detém também o poder superestrutural, isto é, controla as instituições jurídicas, políticas e formativas. (CHAUÍ, 1987)

De acordo com Guareschi (2001, p. 20-21), é preciso compreender que no contexto de embate de forças presente nos jogos de poder, que envolvem as relações entre as classes dominantes e os demais atores sociais:

A ideologia cumpre uma função prática: ela confere certa coerência e relativa unidade, ela cimenta e unifica o edifício social [...] ela permite a inserção de indivíduos de uma forma natural nas atividades práticas que eles desempenham no interior do sistema e, desta maneira, os capacita a participar na reprodução do aparato de dominação sem que se dêem conta de que eles próprios são cúmplices e atores de sua própria exploração. Para o indivíduo inserido no sistema capitalista, a ideologia é uma experiência vivencial e válida, uma experiência que alguém vive sem conhecer as verdadeiras formas motoras que a ideologia coloca em movimentação [...] o modus operandi do processo ideológico, consiste em

fazer com que essas forças motoras sejam esquecidas; ou, em outras palavras, em fazer com que as verdadeiras origens da ordem social existente desapareçam de vista, de tal modo que as pessoas sejam capazes de viver nesta ordem natural. A ideologia encobre e disfarça os sinais que poderiam fazer alguém desconfiar de que todas as instituições são instrumentos da coerção. Ela tenta aliviar a sociedade burguesa dessa contradição, que, se for mediada, corre o risco de revelar a incoerência dessa mesma sociedade, destruindo sua unidade [...] sem a ajuda dos meios de comunicação, esse jogo não poderia ser feito. Em uma sociedade capitalista, os meios de comunicação de massa tornaram-se os instrumentos de mistificação e de legitimação da dominação capitalista

A questão ideológica é central para se pontuar as ações do *príncipe eletrônico*, e de como, através de seus recursos e técnicas, ele vai plasmando a realidade social e perpetuando formas de dominação cada vez mais abrangentes e sofisticadas, pois atua tanto em nível objetivo, fatos e acontecimentos como subjetivo, construindo significados, mobilizando sentimentos. Sua grande vantagem é poder atuar também em nível virtual, por meios que envolvem fotografia, imagens, produções artísticas, entretenimento, documentários temáticos ou interativos, envolvendo cores, sons e formas; diferentes enfoques: impactantes, espetaculares, panorâmicos ou diluídos, usando-se ainda dessas e outras linguagens narrativas, que lhe permitem um grande domínio na edição da realidade que é tratada, decantada e esvaziada de seus conteúdos históricos, culturais, políticos, econômicos e existenciais pelas novas tecnologias de mídia, de maneira a possibilitar a criação e recriação de novos modelos e representações: registrando, divulgando, enfatizando, lembrando, esquecendo ou satanizando. Nas diferentes situações, as técnicas e estratégias empregadas para a formatação do real, estão presentes interesses, que buscam garantir a manutenção da ordem estabelecida e que por isso mesmo atestam a função ideológica do *príncipe eletrônico*. Portanto, segundo Ianni (2000, p. 164),

O príncipe eletrônico pode ser visto como 'intelectual orgânico' dos grupos, classes ou blocos de poder dominantes, em escala nacional e mundial. Em alguma medida, esses grupos, classes ou blocos de poder dispõem de influência mais ou menos decisiva nos meios de comunicação, informação e propaganda, isso é, na mídia eletrônica e impressa, sempre funcionando também como indústria cultural.

A partir do conjunto de situações e contextos que foram pontuados como eixo de ação das novas tecnologias de mídia e informação, compreende-se que as novas conjunturas mundiais vão sendo modeladas pelos centros de poder que em dimensões nacionais e mundiais, vão alinhando suas políticas e suas estruturas de poder de forma a garantirem no presente e no futuro a hegemonia das classes dominantes onde segundo Ianni (op.cit.p.166), se da

Em larga medida, a fábrica de hegemonia e da soberania que teriam sido prerrogativas do príncipe de Maquiavel e do moderno príncipe de Gramsci. Agora é o príncipe eletrônico que detém a faculdade de trabalhar a virtú e a fortuna, a hegemonia e a soberania; ou o problema e a solução, a crise e a salvação, o exorcismo e a sublimação. Assim se instaura a imensa 'ágora eletrônica', na qual muitos navegam, naufragam ou flutuam, buscando salvar-se.

5. – CONCLUSÃO

São muitos os aspectos fundamentais que podem ser enfatizados no tocante às novas tecnologias de mídia e informação e suas relações com os jogos de poder que permeiam as relações sociais, destacam-se:

- A sociedade do conhecimento proposta nas últimas décadas do século XX caracteriza-se principalmente pelo acesso ilimitado à informação, auxiliado pela rede informatizada e pelas novas tecnologias de comunicação, que derrubam barreiras e permitem conexão imediata num mundo globalizado mas que trazem conseqüências, culturais, sociais, históricas econômicas, nem sempre positivas e desejáveis para o desenvolvimento da autonomia dos indivíduos e para a soberania dos países em desenvolvimento;
- A gestão da sociedade da informação e do conhecimento, na qual as novas tecnologias de mídia ocupam um papel preponderante, deverá ter a participação maciça da sociedade civil organizada, atuando na fiscalização

e promovendo a participação democrática de todos os atores sociais, de maneira a não permitir a instrumentalização da mídia eletrônica e impressa pelos centros de poder.

- O mundo contemporâneo, vislumbra hoje o fim da era industrial e o início da Era da Informação que muito mais ágil e versátil, ultrapassa e torna quase obsoleta as formas de comunicações tradicionais. O homem que surge deste novo contexto deve se apresentar como sujeito, ator usuário consciente da informação veiculada pela mídia e capaz de fazer uso dela de forma livre e responsável;
- A globalização econômica e o surgimento das novas mídias e tecnologias da informação lançam profundos desafios para as Instituições sociais legítimas que buscam trabalhar para o desenvolvimento humano autêntico, livre e emancipado.
- As comunicações e os processos interativos decorrentes da interconectividade global, características marcantes da era do conhecimento, devem oportunizar aos indivíduos o acesso transparente e imparcial às informações de maneira que o saber e o aprender permitam a interface entre a ciência e a consciência, o objetivo e o subjetivo, o real e o virtual, a máquina e o humano. Sem contudo abrir mão da produtividade, criatividade, solidariedade, trabalho e lazer.

Diante do que foi pontuado, cabe enfatizar que o advento da sociedade do conhecimento e surgimento das novas tecnologias de mídia e comunicação desafia a sociedade civil organizada a buscar novos rumos de organização e novas formas de gestão da informação e novas formas de controle e fiscalização

das novas tecnologias de mídia a fim de garantir a formação de cidadãos não só bem informados mas sobretudo livres e autônomos.

Deve-se ter presente a necessidade e urgência de uma práxis política, social e histórica inovadora, que seja capaz de integrar as novas tecnologias de mídia e conhecimentos como: internet, tv a cabo, os novos processos de ensino a distância, o acesso ilimitado à informação por meios redes de comunicação e mesmo a telemática, a robótica e a realidade virtual, com a utopia da construção de uma sociedade em que todas as pessoas possam viver em família e olhar para o futuro com esperança, partilhando as riquezas da natureza, deixando como legado às gerações futuras as todas as maravilhas que o homem conseguiu construir. Uma sociedade que contemple atenção especial às tradições culturais diferentes, com identidades singulares, respeitando o direito inalienável de cada indivíduo de ser diferente e único em todo o universo.

6. - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ADORNO, W. T., e HORKHEIMER, M., *Dialética do Esclarecimento*, Trad. Guido Antonio de Almeida, Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1985

ADORNO, W. T., *Mínima moralia*, Trad. Luiz Eduardo Bicca, São Paulo: Ática, 1992.

_____, *Teoria estética*, Trad. Fernando Riaza e Francisco Pérez Gutierrez, Madrid, Tauus Ediciones, 1980.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*, RJ., Graal, 1992.

BAGDIKIAN, B. H., *O monopólio da mídia*, Trad. Maristela M. de Faria Ribeiro, São Paulo: Scritta Editorial, 1993.

BUZZI , Arcângelo R. *Introdução Ao Pensar . O Ser , o Conhecimento , a Linguagem* .21 ed Petrópolis , RJ,1992,c 1972.

BURNS ,Edward McNall e ou .*História da civilização ocidental: do homem das cavernas às naves espaciais*.Vol.1Trad.Donald son M Garshagen. 33 ed. São Paulo : Globo, 1993.

CHAUÍ, Marilena .*Convite à filosofia* .São Paulo : Ática, 1994.

_____, *O que é ideologia*, São Paulo: Brasiliense, 1997

COMTE - SPONVILLE, André . *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes*. Trad. Por Eduardo Brandão.São Paulo : Martins Fontes.

COTTA, Sérgio. Ideologia. In: LADUSÁNS, Stanislavs, Dir. *Pensamento parcial e total*. 3ª ed., São Paulo, Loyola, 1980.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci, um estudo sobre seu pensamento político*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999

DILTHEY, Wilhelm, *Teoria das concepções de mundo*, Trad. Artur Morão, Lisboa, Edições 70, 1992.

DURANT , Will and Ariel . *A história da civilização :A idade da fé* .Rio de Janeiro : Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A ,1961.

_____. *A idade da fé* .Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A , 1961.

FARIA, Ana Lucia G., *Ideologia no livro didático*, São Paulo: Cortez Editora, 1990, 8ª ed.

FIALHO, Francisco Antônio Pereira . *Raciocinando Em Situações Reais. In. Introdução A Engenharia do Conhecimento* p. 75 (apostila).UFSC:2000.

FREIRE, Paulo .*A importância do ato de ler; em três artigos que se completam.* São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1982.

_____. *Pedagogia do oprimido.* 5ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREITAG, Barbara. *Escola, estado e sociedade.* 3ª ed., São Paulo: EDART – São Paulo Livraria Editora, 1985.

FOUCAULT, Michel, *Antropologia do saber*, Trad. Luiz Felipe Beata Neves, Petrópolis, RJ: Vozes, 1972

_____, *Microfísica do poder*, Trad. Roberto Machado, Rio de Janeiro, Graal, 1979.

_____, *A ordem do discurso*, Trad. Laura F. de Almeida Sampaio, São Paulo, Edições Loyola, 1996.

GAARDER.Jostein. *O mundo de Sofia –Romance da história da Filosofia.*Trad. João Azenha Júnior .São Paulo: Companhia da Letras,1995.

GARCIA, J. N., *O que é propaganda ideológica*, São Paulo: Brasiliense, 1986, 6ªed.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade.* São Paulo: Ed. USP, 1991

GILES , Thomas Ranson. *História da Educação* .E.P.U. São Paulo, 1987 .

GILSON, Etienne (1955), *História of Christian philosophy in the Middle Ages*, Nova York, 1955.

GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel, a política e o estado moderno*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. *Concepção dialética da história*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

_____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____, *Temas de cultura. Ação católica. Americanismo e fordismo*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999

GOMEZ de SOUSA, Luis Alberto. *O intelectual orgânico: a serviço do sistema ou das classes populares?*, *Encontros com a civilização brasileira*. 3: 27-38, set. 1978. São Paulo.

GRUPPI, L. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. RJ., Graal, 1982

HAMILI, S., *Os novos cães de guarda*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira, Petrópolis, RJ: Vozes, 1998

HARVEY, David,. *Condição pós-moderna*, Trad. De Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves, São Paulo, Edições Loyola, 1992

HINKELAMMERT, Franz J. *Crítica À Razão Utópica* . Trad. por Álvaro Cunha ; rev. H. Dalbosco . São Paulo : Edições Paulinas, 1988.

HUISMAN, Denis, *Dicionário de obras filosóficas*, Trad. Castilho Benedetti, São Paulo, Martins Fontes, 2000

IANNI, O. *Enigmas da modernidade mundo*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, (p. 141-166)

_____, *A ditadura do grande capital*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992

_____, *Ensaio de sociologia da cultura*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993

_____, *Imperialismo na América Latina*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993

_____, *Teorias da globalização*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997

ISMAEL QUILES, S. J. *Aristóteles - Vida , Escritos Y Doctrina*. Coleccion Austral – Espasa ,Calpe Argentina S.A .Buenos Aires,México .Printed in Argentine , 1944.

KONDER, L., *O que é dialética*, São Paulo: Brasiliense, 1993, 25ªed.

LENIN. *Que faire?* Paris: Ed. Seul, 1966.

LÉVINAS, Emmanuel . *Humanismo Do Outro Homem* . Trad Coord. Pergentino S. Pivatto , Petrópolis ,RJ , 1993.

LÉVY, Pierre . *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento da era da informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1993 (Coleção TRANS).

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Vecchi, 1978.

MARX, Karl., *Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos*, São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____, *A ideologia alemã, (Feuerbach)*, Trad. José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira, São Paulo: Hucitec, 1984.

MATTELART, A. *História das teorias da comunicação*, Trad. Luiz Paulo Rouanet, São Paulo: Loyola, 1999.

MATA, Jaqueline . *Imagem é tudo telefone do futuro vai priorizar comunicação face a face via INTERNET*. In Hoje Em Dia ,Informática,20-9-99.

MELO, Bruzzi de, *A cultura do simulacro*, Rio de Janeiro: São Paulo, 1999

MORAES, D. (org.) *Globalização, mídia e cultura contemporânea*, Campo Grande : Letra Livre, 1997.

_____, *Mídia, cultura e tecnologia*, São Paulo: DP&A Editora, 2001.

MONDIN, Batista . *Curso de Filosofia .Os filósofos do Ocidente*.Vol.2. [3 ed . Trad . do italiano de Benôni Lemos : revisão de João Bosco de Lavor Medeiros . São Paulo: Edições Paulinas , 1981.

NISBET ,Robert .*Os Filósofos Sociais .Pensamento Político*.Trad. Yvette Vieira Pinto de Almeida . Editora Universidade de Brasília ,1982,c1973.

NAMER, Gerard, *Maquiavel, ou as origens da sociologia do conhecimento*, São Paulo, Cultrix, 1979

NOGARE , Pedro Dalle .*Humanismos e anti -humanismos - Introdução à antropologia filosófica* .11 Ed. rev. e ampliada :Petrópolis , R J : Vozes , 1988.

NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. *As belas mentiras*. 2^a ed. , São Paulo: Cortez & Moraes, 1985.

PLATÃO .Coleção Os Pensadores .São Paulo: Nova Cultural,1996.

PADOVANI , Humberto Antônio & CASTAGNOLA. *História da Filosofia* . 3 edição . São Paulo : Melhoramentos , 1958 .

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o bloco histórico*. 3^a ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

REALE , Giovanni . *História da Filosofia Antiga* . Vol. II .Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine . São Paulo : Loyola , 1994 (Série História da Filosofia).

_____, ANTISERI, G. *História da Filosofia*. Vol. II. do humanismo a Kant, São Paulo, Paulus, 1999 (Coleção Filosofia)

ROAUNET, Sérgio Paulo . *A Razão Cativa . As ilusões da consciência : de Platão a Freud*. São Paulo : Brasiliense , 1985.

SARTORI , Giovanni . *A teoria da Democracia* 2. As questões clássicas .São Paulo : Ática , 1994.

_____. *A teoria da democracia* 1.O debate contemporâneo. São Paulo:Ática,1994.

SCHAFE, Adam, *História e verdade*, Mentin Fontes, 1993. Trad. Mina Paula Dereste. Riv. Carlos Roberto R. Nogueira, p. 146- 150 (Idéias de Manheim).

SEVERINO, Antônio Joaquim . *Filosofia* . *Coleção Magistério 2º Grau* .Série Formação Geral, São Paulo : Cortez , 1993.

SOARES, Òrris Eugênio . *Dicionário de Filosofia* .Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1952.

SPINDEL, A., O que é socialismo, São Paulo: Brasiliense, 1989, 24ªed.

TURNER, J. *Desenvolvimento Cognitivo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

VAZ, Henrique C. de Lima . *Escritos de Filosofia . Problemas de Fronteira* . Filosofia 3. São Paulo : Edições Loyola , 1986.

_____ . *Antropologia Filosófica I* . Coleção Filosofia . 2 ed. São Paulo: Loyola, 1991,trad. Edward Bullough, Cambridge, 1924.

WEBER,Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1979

WILSON, K.B., *A era da manipulação*, Trad. Iara Biderman, São Paulo: Escrita Editora, 1993

HIPERLINKS VISITADOS

<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>

<http://www.eps.ufsc.br/disciplinas/filosofo/lideranca>

<http://www.redeglobo.com.br>

<http://www.bu.ufsc.br/virtuais.html>

<http://www.uol.com.br/aprendiz/folha/pag08.html>

www.verdestrigos.com.br/teses_fil/html

ANEXO A -

AMARAL, M.F Fernando, 3º colegial *"SEI CADA VEZ MAIS SOBRE CADA VEZ MENOS"* (In. www.verdestrigos.com.br > acesso em 25/05/2002

"SEI CADA VEZ MAIS SOBRE CADA VEZ MENOS"

Externato Ofélia Fonseca

Como mudar uma realidade, se nem ao menos sabemos como ela é?

O conceito de despotismo nos leva diretamente à esfera do poder.

Despotismo: o poder exercido de forma absolutista.

As fontes de conhecimento, de informação, principalmente de massa, são facilmente manipuladas. As notícias que chegam até nós têm de ser discutidas quanto à sua veracidade. Pois estas atendem à população segundo um jogo de interesses políticos.

A mídia é responsável por essa manipulação moral das massas. O ser humano é facilmente manipulado, simplesmente porque não procura conhecimento além de seus limites. Somos todos comodistas. Mesmo se formos pensar em excesso de conhecimento, nos deparamos com a impotência diante dos fatos. Impotência, devido à distância cultural e geográfica.

Temos, hoje em dia, a realidade do caos social e econômico que vive tanto em Cuba como no Haiti. Mesmo o excesso de informações não retrata a realidade como ela é, não estamos lá para conferir tal grau de desumanidade. Nesse ponto, o que surge é a impotência. O que podemos fazer? Lamentar? Sim, a distância nos torna impotentes. A manipulação nos torna submissos...

Ninguém sabe de nada. Somos todos alienados ou manipulados. Ou deixamos a informação seguir em frente sem ser assimilada, ou

deixamos que ela forme opiniões por nós.

Todos os dias, milhares de notícias são espalhadas pelo mundo. Todos os dias, as pessoas sabem cada vez mais sobre cada vez menos.

Como podemos mudar uma realidade, se nem ao certo sabemos como ela é?

"Eu não sei nada!

No entanto estou rodeado dum despotismo de livros" (Mário de Andrade)

ANEXO B -

GRAMSCI, Antonio., In www.verdestrigos.com.br. > acesso em 16/062002 -
transcrito da Folha de São Paulo
Caderno Mais!, de 21/11/99

Aqui você tem um trecho do "Caderno 11",
de Antonio Gramsci.

Todo homem é filósofo

"É preciso destruir o preconceito, muito
difundido, de que a filosofia é algo muito difícil pelo
fato de ser a atividade intelectual própria de uma
determinada categoria de cientistas especializados ou de
filósofos profissionais e sistemáticos. É preciso,
portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens
são "filósofos", definindo os limites e as
características desta "filosofia espontânea", peculiar a
"todo o mundo", isto é, da filosofia que está contida:

1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e
de conceitos determinados e não, simplesmente, de
palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso
comum e no bom senso; 3) na religião popular e,
consequentemente, em todo o sistema de crenças,

superstições, opiniões, modos de ver e de agir que se manifestam naquilo que geralmente se conhece por "folclore".

Após demonstrar que todos são filósofos, ainda que a seu modo, inconscientemente -já que, até mesmo na mais simples manifestação de uma atividade intelectual qualquer, na "linguagem", está contida uma determinada concepção do mundo-, passa-se ao segundo momento, ao momento da crítica e da consciência, ou seja, ao seguinte problema: é preferível "pensar" sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, "participar" de uma concepção do mundo "imposta" mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos muitos grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente (e que pode ser a própria aldeia ou a província, pode se originar na paróquia e na "atividade intelectual" do vigário ou do velho patriarca, cuja "sabedoria" dita leis, na mulher que herdou a sabedoria das bruxas ou no pequeno intelectual avinagrado pela própria estupidez e pela impotência para a ação), ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade?

Pela própria concepção do mundo, pertencemos

sempre a um determinado grupo, precisamente o de todos os elementos sociais que compartilham um mesmo modo de pensar e de agir. Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens-coletivos. O problema é o seguinte: qual é o tipo histórico de conformismo, de homem-massa do qual fazemos parte? Quando a concepção do mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa, nossa própria personalidade é compósita, de uma maneira bizarra: nela se encontram elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressista, preconceitos de todas as fases históricas passadas estreitamente localistas e intuições de uma futura filosofia que será própria do gênero humano mundialmente unificado. Criticar a própria concepção do mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais evoluído.

Significa também, portanto, criticar toda a filosofia até hoje existente, na medida em que ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular. O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que é realmente, isto é, um "conhece-te a ti mesmo" como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços acolhidos sem análise crítica. Deve-se fazer, inicialmente, essa análise."

ANEXO C -

CAGIANO, Ronaldo(*). Midiocracia e videolatria, ou a cultura sitiada, In. www.verdestrigos.com.br > acesso em 16/06/2002

Vivemos em nosso País um agudo processo de pulverização cultural, um dos tentáculos da globalização, perverso fenômeno que travestiu a economia, as comunicações e o relacionamento internacional com toda sua carga hegemônica e fetichista. Com isso, vem produzindo uma criminosa cauterização das consciências. Forma uma geração atípica, quase amorfa intelectualmente, que não pensa, não age, não vê, não questiona: assimila o processo, como alguém que empurra goela abaixo uma prescrição medicamentosa, convalidado pela necessidade compulsória do alívio. Só que aqui, é a destruição de características intrínsecas à pessoa humana, cuja cultura, costumes e valores estão sendo sumariamente sitiados pela nova ordem mundial.

Tudo isso vem a reboque do império da mídia, ao mesmo tempo tão sedutor e danoso. Sedutor, pelas facilidades da comunicação e rapidez com que nos traz os fatos. Danoso, porque acaba por disseminar valores alienígenas, além de facilitar a vulgarização da vida e da morte através de uma programação desarticulada, sem mínimos princípios éticos, estéticos e morais. Não vale a pena dissentir sobre Ratinho, Xuxa, Leão, Gugu, Rodolfo e ET e outras excentricidades do gênero, que é cair no chove-não-molha das dicotomias, das ponderações maniqueístas, da dialética das considerações. Estão aí, a olhos vistos, e a sociedade, com seu livre

arbitrio, sabe como se defender deles.

Bons tempos aqueles em que, em nossa não tão remota infância, ainda podíamos ver no velho Telefunken preto e branco as sutilezas criativas de Shazan, Sherife e Cia., do Sítio do Picapau Amarelo, de Vila Sésamo, dos filmes educativos, do Capitão Asa na extinta Tupi, com seriados que nos atraíampela sobriedade, sem apelações.

Hoje, a televisão tem sido elemento de desequilíbrio na formação e educação, salvo honrosas e raríssimas exceções. Princípios elementares insculpidos no art. 221 da Constituição vêm sendo desrespeitados, sem o menor constrangimento. Diz aquele dispositivo: "a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios: I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas; II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação; III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei; IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família".

Sobre o assunto, diversas autoridades e estudiosos do fenômeno social e humano vêm se manifestando, preocupados as deturpações que a televisão vêm provocando. O jurista Ives Gandra da Silva Martins, em artigo publicado na imprensa paulista, a respeito da questão, manifestou, com sua habitual acuidade jurídica e intelectual: "Houve sensível deterioração dos programas veiculados pelos canais de televisão nos últimos dez anos.

Pornografia barata, violência sem precedentes, programas humorísticos de qualidade bordelesca, novelas deletérias em seus ernedos e em suas cenas, incentivando maus

costumes, destruindo o conceito de família, privilegiando a malandragem, o adultério, a libertinagem, as drogas, as rupturas institucionais, com leque de alternativas, para que a sociedade perca sua dignidade e aprenda a se transformar numa comunidade salafrária"

Ainda sobre a televisão, vale destacar recente pesquisa levantada mundialmente pela ONU/Unesco sobre a presença maciça da televisão na vidas das pessoas, através da qual o professor alemão Jo Groebel, chegou à terrível conclusão de que a televisão também tem grande parcela de contribuição no crescimento dos índices de violência no mundo, o que, segundo ele, hoje é um produto comercial, barato e lucrativo. Eis uma verdade irretorquível, que essa enquete veio confirmar: a televisão vem influenciando cada vez mais e nocivamente a sociedade contemporânea, sobretudo no Brasil, promovendo uma alteração de valores, comportamentos, costumes, os quais não mais são apre(e)ndidos em casa, na escola ou nas igrejas. Perversamente são assimilados, de forma sub-reptícia e danosa, nos aparelhos de tevê, num processo capcioso, osmótico e avassalador, tornando-nos vítimas inocentes e bestializadas do fenômeno dominador da mídia, com seus instintos tentaculares.

Sobre essa pesquisa alarmante, abordou o jornal Hoje em Dia, edição 25.06.99, com a matéria "TV: se espremer sai sangue", divulgando dados estarrecedores, com o cotejo dos números da manipulação televisiva, o que nos impõe um sério questionamento sobre a programação das tevês convencionais e dos canais abertos (tv por assinatura e a cabo) e sua repercussão negativa na educação dos nossos filhos. Eis os números: "A TV brasileira exhibe 20 crimes por hora em desenhos animados. Mapeamento estatístico da ONU em seis emissoras

abertas detecta 1432 crimes em uma semana de desenhos animados. Um total de 93% das crianças no mundo tem acesso a um aparelho de televisão. Essas crianças passam pelo menos 50% mais tempo ligadas a esse meio de comunicação do que em qualquer uma atividade não escolar. As crianças passam em média três horas assistindo à televisão.

Os meninos são, em particular, fascinados pelos heróis agressivos disseminados pela mídia. Alguns deles, como O Exterminador, de Arnold Schwarzenegger. Quase 1/3 das crianças que vivem em ambientes agressivos acredita que a maioria das pessoas no mundo são más e 44% das crianças não conseguem diferenciar a realidade do que vêem na telinha."

Sobre cultura e seus condicionamentos, relembro que, antes de morrer, José Paulo Paes, ensaísta, escritor, ensaísta e crítico literário, alertava para esse estágio avassalador, em que a mídia estava a ditar as regras. Chegou a dizer, dentro de sua peculiar lucidez e sem nenhum tom de sofisma, que estaríamos caminhando para uma sociedade de "vidiotas" e "internéscios". É uma constatação inequívoca, tanto mais porque a tevê está aí como uma baby siter moderna, a nossa babá eletrônica, a conduzir nossas crianças por uma pedagogia extremamente prejudicial, num tempo em que pais trabalham fora e só encontram a família antes de dormir (e na maioria das vezes já encontra a família na cama). A tevê, portanto, exerce, enviesadamente, um papel "educativo", em detrimento de todas as instituições preparadas naturalmente para isso.

Além do mais, crianças vêm sendo expostas à execração em diversos programas, de modo que, há pouco tempo, na Vara da Infância e Juventude, no Fórum de Pinheiros, em S. Paulo, o promotor Maurício Ribeiro Lopes insurgiu-se contra

uma determinada rede de tevê, contra as cenas de exposição de menores a situações vexatórias e degradantes e o juiz daquela Vara, Dr. Rodrigo Lobato Junqueira Enout, ressaltou, no caso, que "sem fazer nenhum juízo de valor a respeito da exibição, pelos meios de comunicação, de cenas constrangedoras a respeito de fatos que se passam no seio da sociedade, com exposição consentida de adultos que se prestam a depor em público, nem acerca do alcance social do programa mencionado nos autos, a legislação não autoriza, em nenhuma hipótese, a violação da intimidade de menores".

Nessa linha de desmantelamento de valores, podemos situar, também, a questão do livro. Há toda uma geração pervertida, de leitores de inutilidades e sensaborias. Bons tempos aqueles em que nossa formação intelectual tinha início em Monteiro Lobato, em Rubem Braga, em Condessa de Sègur, em Graciliano Ramos, em Cecília Meireles, no velho livro do Programa de Admissão. Hoje a literatura está adstrita a um amontoado de publicações de auto-ajuda, de esoterismo de butique, de condicionamentos ao lixo literário estrangeiro, de "best sellers" de duvidoso mérito . Situação que vem impondo aos leitores uma distância de nossa realidade, já tão fragmentada em outros setores pelo fenômeno acachapante da globalização.

Não se pode esperar muito de uma geração sem massa crítica como a nossa, que prefere as distorções musicais modernosa,s que pululam por aí, e relega a um plano de somenos a arte de Pixinguinha, de Cartola, de Noel, de Adoniram, de Villa Lobos, de João Gilberto, de Chiquinha Gonzaga, de tantos que fizeram música com responsabilidade estética. Não se pode vislumbrar nada além disso que a mídia tem feito: embotamento e degeneração. Um país que lê alquimistas e valquírias

suicidas - literatura de encomenda e aluguel, portanto descartáveis e desniveladoras da inteligência - ; que se contorce em espasmos orgiásticos diante de Carla Peres, de Tiazinha , essas madonnas pasteurizadas da arte sem escrúpulos; que considera música a pobreza dos atuais pastiches musicais, não pode amadurecer como nação.

Tudo parece caminhar para o nível da baixaria e do servilismo às tentações consumistas, conduzindo a uma generalizada mediocrização. O debate produz uma constatação alarmante: querem dar cultura ao povo, mas popularizando por baixo, quando o povo merece o melhor. Essa negligência quanto à melhoria do padrão da informação e da educação deve ser entendida como uma prevaricação cultural, porque tendo condições de fazer o melhor, dá-se o pior. Estamos perdendo o referencial autêntico da nacionalidade: a memória. E como diz o saudoso Octávio Paz, "se a memória se dissolve, o homem se dissolve".

Vale lembrar a recente passagem pelo Brasil do escritor português José Saramago, prêmio Nobel de Literatura, que, em instigante palestra em S. Paulo, abordou tema tão momentoso. Tido como ateu convicto, no entanto nunca esteve alheio às emulações do espírito, sempre com uma preocupação em relação ao futuro da humanidade, com o destino dos povos ditos civilizados, mas inexoravelmente colonizados pela modernidade. Ele nos alerta para o perigo do alheamento de que estamos sendo vítimas: "estamos esquecendo que a nossa preocupação com o outro é fundamental, pois hoje o mundo está repleto de pessoas amputadas não fisicamente, mas amputadas de alma". Nesse sentido arrastam a cultura, a identidade, o caráter nacional, que, de roldão, misturam-se aos oba-obas da mídia e seu condicionamento operante. Com toda razão Cassiano Nunes,

Professor da Universidade de Brasília e conferencista agudíssimo, que vem se opondo a essa onda de inversão (e criminosa invasão) cultural que grassa por aí. E parafraseando esse lúcido mestre, "se Paris está lendo Paulo Coelho, eis minha vingança: vou ler Proust em Cataguases!"

(*) Advogado e escritor mineiro de Cataguases, é assessor jurídico na Presidência da República.